

revista

Número 5

Vocare

Revista de Teologia da UniFil



VOCARE

Revista de Teologia da UniFil

Reitor: Dr. Eleazar Ferreira

Editor Chefe: Emerson Mildenberg

Arte: Bruno Jorge

Capa: Raphael Tait e Marcos Garcia

Formatação: Graziela Cervelin

teologia@unifil.br

Vocare: Revista de Teologia da UniFil [recurso eletrônico] /
Centro Universitário Filadélfia - UniFil. - v.1, n.1 (2023)-
– Londrina: Ed. UniFil, 2025.

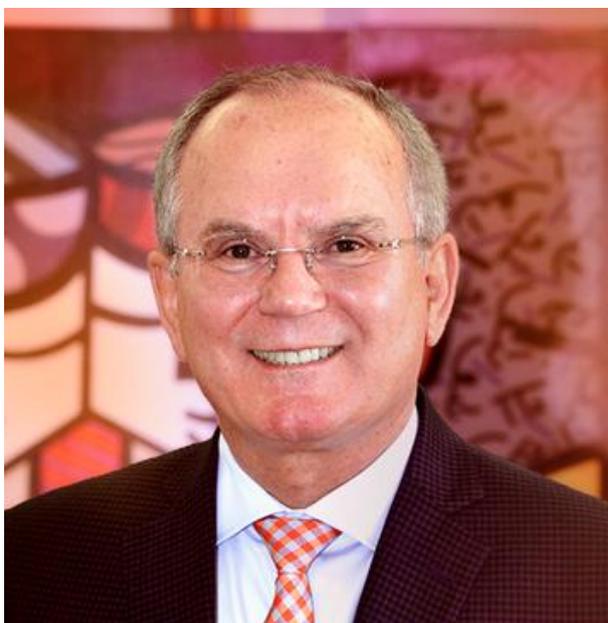
Semestral
Coordenação Emerson Mildenberg

1. Teologia - Periódicos. I. Centro Universitário Filadélfia. II. Mildenberg, Emerson, coord. III. Título.

CDD 200

Bibliotecária responsável Graziela Cervelin CRB9/1834

PALAVRA DO REITOR



Uma das formas predominantes de Teologia no cristianismo tem sido a Teologia como sabedoria, ou seja, *sapientia*. A UniFil se identifica com essa definição visto que é uma Instituição confessional e ao longo destes anos tem formado homens e mulheres apaixonados pelas Escrituras e pelo Reino de Deus.

No centro da Teologia que a UniFil viabiliza, está Jesus Cristo, mistério revelado como Sabedoria de Deus ao mundo. As Escrituras abrem para os

seres humanos a possibilidade de entendimento desta revelação de Deus em Cristo Jesus.

Destarte, a Revista Eletrônica de Teologia VOCARE da UniFil, é um espaço não somente para reflexão teológica, como também ao chamamento a esta *sabedoria* de Deus ao homem contemporâneo.

Nossa proposta é promover o saber e aprendizado com vistas a viver em consonância com princípios expostos nas Escrituras Sagradas, analisando-os com espírito de constatação da fé. Com esta perspectiva, desenvolvemos uma *práxis* transformadora que possibilita crescimento da fé cristã, liderança e pastoral da Igreja.

Faço votos que todos (as) os leitores (as) reúnam bons frutos dos trabalhos a título que cada vez mais, possamos ser instrumentos de transformação na sociedade.

Boa leitura!

Dr. Eleazar Ferreira
Reitor



EDITORIAL
Tema principal

Editorial

A crescente incorporação da inteligência artificial nos diversos domínios da vida humana levanta não apenas questões técnicas, mas também profundas interpelações antropológicas, teológicas e filosóficas. É neste viés que apresentamos: **“Almas Algorítmicas: Reflexões sobre IA e o Futuro da Experiência Espiritual”**. No campo da espiritualidade — frequentemente compreendido como último reduto do mistério humano — a emergência de sistemas algorítmicos capazes de simular diálogo existencial, orientar práticas meditativas e interpretar textos sagrados nos obriga a reexaminar categorias fundamentais como alma, transcendência e subjetividade.

Nesta edição da **VOCARE**, propomos introduzir um debate necessário: em que medida a IA, ao simular padrões de linguagem espiritual, desafia nossas compreensões tradicionais da experiência religiosa? Estaríamos assistindo à tecnificação do sagrado, ou a uma oportunidade de revisitar as fronteiras entre o humano e o não-humano?

Ao longo desta edição, articulamos contribuições interdisciplinares que transitam entre a teologia contemporânea, a filosofia da mente, a ética das tecnologias emergentes e os estudos culturais. O objetivo é duplo: por um lado, mapear os impactos da presença algorítmica sobre a experiência espiritual; por outro, estimular uma hermenêutica crítica capaz de discernir, nesse novo cenário, os riscos da redução da fé à performance simbólica, mas também as possibilidades de renovação do sentido.

Se, como sugerem alguns pensadores pós-seculares, o sagrado nunca desapareceu — apenas se reconfigurou — talvez estejamos diante de mais uma metamorfose. E é precisamente neste *entre-lugar* que propomos pensar: entre a tradição e a inovação, entre o código e o espírito, entre a máquina e a alma.

Neste primeiro semestre, a presente edição da VOCARE veicula na seção **“DEBATE”**, Fabiane Pelegrine Mambrum, aluna do curso de bacharelado em Teologia – UniFil, bacharel em Direito pela PUCRS e Juíza Leiga no TJRS, que combina erudição e sensibilidade, com o artigo: *“O coração como centro da consciência humana”*. Nele, Mambrum apresenta um diálogo original entre textos bíblicos, psicologia e medicina. Uma leitura que merece notável atenção.

Tendo como mote o título desta edição da VOCARE, não resisti a temática da presente edição sobre o futuro da fé, cujo qual, talvez não esteja apenas nos céus, mas também nos circuitos, e, desta maneira, ousei redigir uma publicação a título de instigar você, caro (a) leitor (a) a ruminar sobre a espiritualidade que se encontra com a máquina, onde o antigo desejo de transcendência se renova sob o brilho frio das telas. Te convido a apreciar a leitura sobre o título: "Espiritualidade em Código: O Impacto da IA no Futuro da Vivência Religiosa".

Na seção “**DIÁLOGOS CONTINGENTES**”, o Dr Marcos Camilo investiga as implicações da inteligência artificial na experiência espiritual contemporânea, à luz da teologia reformada com muita propriedade de know-how. Ao analisar criticamente a interseção entre fé cristã e tecnologia, Camilo, propõe um discernimento teológico diante da democracia e da aceleração algorítmica que moldam a subjetividade atual. A leitura deste texto é fundamental para quem busca discernimento teológico no contexto digital.

A seção “**PASTORAL**”, fica a encargo do Dr. Silas Barbosa Dias, docente do colegiado de Teologia da UniFil com o artigo: Almas Algorítmicas: Aportes sobre a IA no Horizonte da Fé – Paradoxos entre a Criação, Imago Dei e o Cálculo. Neste ensaio, Dias investiga os impactos da inteligência artificial (IA) na espiritualidade cristã contemporânea, tendo como fundamentos teológicos os conceitos de Imago Dei, ética da criação e a vocação escatológica da fé cristã. A pesquisa analisa criticamente como os avanços tecnológicos da IA desafiam, refletem e reconfiguram as compreensões antropológicas e espirituais da tradição reformada. Ancorado em uma perspectiva crítica e profética, o trabalho organiza-se em quatro eixos analíticos: antropologia teológica, espelhamento tecnológico, espiritualidade encarnada e discernimento teológico, propondo uma interlocução entre fé e tecnologia no contexto da aceleração digital.

Na seção “**CONTRAPONTO**”, a matéria de capa — em continuidade àquela previamente examinada, persevera no exercício crítico e provocativo do pensamento, configurando-se como uma contribuição intelectualmente substancial, articulada por meio dos artigos que a compõem, a saber, do Dr. José Roberto Cristofani, pós-doutorando em Bíblia e IA na PUC-PR e, do Dr. Valdinei Ferreira. Com o domínio que lhes é singular, escrevem para nossa reflexão e aprendizado, despertando questionamentos essenciais sobre o tema. O Doutor José Roberto, explora o conceito

provocador de “almas algorítmicas”, não como uma entidade literal, mas como um prisma para analisar a interação entre tecnologia e espiritualidade na era digital. Por seu turno, o Doutor Valdinei Ferreira, incorpora com o leitor da VOCARE seu artigo publicado na Folha de São Paulo (link no conteúdo) sobre o uso da inteligência artificial nos sermões evangélicos. Quem não ficaria ansioso para se perder nessas leituras?

Na seção “**RELATO DE FÉ**”, A empresária e aluna de Teologia da UniFil, Fábria Taffarel, prima do goleiro Taffarel da seleção brasileira, nos convida a adentrar seu relato pessoal e a contemplar o milagre extraordinário que recebeu de Jesus. Prepare-se para ser tocado profundamente por cada palavra e, enquanto lê, que você possa sentir o amor incondicional de Deus.

Ato contínuo, a missão evangelística desta seção, fica por conta da exibição dos Gideões Internacionais no Brasil, que, possuem como finalidade maior, levar a palavra de Deus a todas as pessoas, através da distribuição de Bíblias e do testemunho pessoal. Vale a pena conhecer com mais detalhes esse precioso ministério.

Na seção “**DAY OFF**”, a VOCARE deste semestre recomenda o filme: "A Forja - O Poder da Transformação" – um longa dirigido por Alex Kendrick.

Fácil e gostosa, a italianíssima **Bruschetta**, é a recomendação acolhedora e harmoniosa para o momento. Hummm... dos deuses (ou algoritmos)

Interdisciplinar e singular, a VOCARE deste semestre provoca, inspira e amplia horizontes. Não apenas leia — mergulhe, reflita...

viva esta experiência!



Siga conosco nesta jornada entre algoritmos e transcendência!

*Prof. Emerson Mildenberg
Núcleo de Pastoralidade – UniFil*



SUMÁRIO

ii
kk
ii
hh
gg

ii
hh

\\ SUMÁRIO

DEBATE

9

O CORAÇÃO COMO CENTRO DA CONSCIÊNCIA HUMANA: UM DIÁLOGO ENTRE A BÍBLIA HEBRAICA, A PSICOLOGIA E A MEDICINA CONTEMPORÂNEA

*Fabiane Pelegrine Mambrum
Emerson Mildenberg*

ESPIRITUALIDADE EM CÓDIGO: O IMPACTO DA IA NO FUTURO DA VIVÊNCIA RELIGIOSA

Emerson Mildenberg

DIÁLOGOS CONTINGENTES

20

ALMAS ALGORÍTMICAS: REFLEXÕES SOBRE IA E O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

Marcos Camilo de Santana

PASTORAL

36

ALMAS ALGORÍTMICAS: APORTES SOBRE A IA NO HORIZONTE DA FÉ – PARADOXOS ENTRE A CRIAÇÃO, IMAGO DEI E O CÁLCULO

Silas Barbosa Dias

CONTRAPONTO

46

ALMAS ALGORÍTMICAS: REFLEXÕES SOBRE IA E O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

José Roberto Cristofani

DEUS FALA ATRAVÉS DA IA? O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NOS SERMÕES EVANGÉLICOS

Valdinei Ferreira

RELATO DE FÉ

75

TESTEMUNHO DE FÁBIA TAFFAREL — UMA HISTÓRIA DE VIDA, DOR E MILAGRE

Fábia Taffarel

MINISTÉRIO GIDEÕES INTERNACIONAIS

DAY OFF

88

CPEL - Conselho de Pastores de Londrina

90



DEBATE

DEBATE

O CORAÇÃO COMO CENTRO DA CONSCIÊNCIA HUMANA: UM DIÁLOGO ENTRE A BÍBLIA HEBRAICA, A PSICOLOGIA E A MEDICINA CONTEMPORÂNEA

Fabiane Pelegrine Mambrum¹
Emerson Mildenberg²

RESUMO

Esse artigo apresenta um estudo sobre a convergência entre a Bíblia - no seu sentido original - a psicologia e a ciência contemporâneas. Através de uma análise detalhada das letras, em seu sentido simbólico mais profundo, e da etimologia da palavra coração no hebraico, לב, lev, exploramos conceitos contemporâneos ligados à centralidade e à subjetividade do ser humano. De fato, somos seres criados à imagem e à semelhança de um Deus!

Palavras-chave: coração; palavra; Deus; bíblia; hebraico; ciência e fé.

10

ABSTRACT

This article presents a study on the convergence between the Bible—in its original sense—psychology, and contemporary science. Through a detailed analysis of the Hebrew letters in their deepest symbolic meaning, and the etymology of the word for "heart" in Hebrew, לב (lev), we explore contemporary concepts related to the centrality and subjectivity of the human being. Indeed, we are beings created in the image and likeness of the God!

Keywords: heart; word; God; bible; hebrew; science and faith.

1 INTRODUÇÃO

Através de um estudo interdisciplinar, demonstramos a riqueza da tradição bíblica, a qual oferece respostas complexas para a condição humana. Em verdade, constatamos que as Escrituras Sagradas, desde a sua concepção original, já defendem a ideia de que o coração humano não engloba apenas as emoções, mas toda a

¹ Aluna do Curso de Bacharelado em Teologia – UniFil. Bacharel em Direito pela PUCRS. Especialista em Direito e Processo do Trabalho. Juíza Leiga no TJRS.

² Coordenador da Faculdade de Teologia – UniFil

estrutura central e integradora de um ser altamente sofisticado. A compreensão refinada dos textos bíblicos ultrapassa conceitos dualistas de corpo e mente, tão presentes no pensamento ocidental moderno. A proposta desse artigo é explorar a convergência entre a Bíblia e a ciência contemporânea, concebendo o ser humano como um organismo unificado, apto a responder a Deus, a transcender, através do seu coração.

2 O VOCÁBULO CORAÇÃO NO HEBRAICO PICTOGRÁFICO

A teologia cristã, com base nos livros bíblicos, defende que Deus criou o mundo através da Palavra. O escritor de Hebreus é taxativo ao afirmar que “pela fé compreendemos que o universo foi criado por intermédio da Palavra de Deus.” Logo, para que possamos entender a natureza da vida e o propósito do homem na terra, precisamos entender a etimologia das palavras que constam nas Escrituras Sagradas.

Todo estudioso dos manuscritos bíblicos, ao tentar entender a natureza humana, acaba deparando-se com a palavra coração ou **לב** (lev) nos textos religiosos cristãos e judaicos. De fato, tal palavra aparece centenas de vezes nos textos bíblicos por um motivo muito especial: descreve a natureza humana, em seu sentido mais completo e integrado!

A grande verdade é que, na antropologia bíblica do Antigo Testamento, o significado do vocábulo coração ocupa um lugar central. A linguagem do Antigo Testamento é composta por metáforas, muitas vezes físicas, as quais acabam revelando verdades e significados espirituais bastante profundos. O próprio alfabeto hebraico (tema já explorado em artigos anteriores), segundo a tradição judaica mística, possui origem divina. No mundo acadêmico, segundo a escritora Ada Yardeni, na sua obra *The Book of Hebrew Script*³, a antiga escrita hebraica é originada do alfabeto protocananeu, o qual, por sua vez, tinha um caráter pictográfico (Mambrum; Mildenberg, 2024)⁴.

Ou seja, as letras carregam significados simbólicos e, conseqüentemente, espirituais. Cada letra representa uma mensagem codificada dos céus. Nesse sentido,

³ YARDENI, Ada. **The Book of Hebrew Script: History, Paleography, Script Styles, Calligraphy & Design**. 2. ed. Jerusalem: Carta, 2002.

⁴ MAMBRUM, Fabiane Pelegrine; MILDENBERG, Emerson. A palavra eterna, a arca de Noé, e o refúgio em Deus. **Vocare: Revista de Teologia da UniFil**, Londrina, v. 2, n. 4, p. 10-18, 2024.

para que possamos compreender o coração de Deus e o coração do homem, necessitamos compreender o significado das letras que formam a palavra coração, em seu sentido original, no hebraico bíblico. É desse modo, através de um estudo aprofundado das escrituras, que iremos entender o verdadeiro propósito da caminhada do homem na Terra.

A palavra coração em hebraico é traduzida como לב a qual é transliterada como Lev. Tal vocábulo é formado pelas letras hebraicas (da direita para a esquerda de quem lê) Lamed (ל) e Bet (ב). No hebraico pictográfico, segundo a professora de hebraico Karla Damasceno⁵, a letra Lamed (ל) simboliza o cajado do pastor, representando a autoridade, o ensino e a direção. Basta um olhar atento ao modo como essa letra é escrita ou desenhada que iremos enxergar o cajado nessa representação gráfica. O mesmo ocorre com a letra Bet (ב), a qual, por sua vez, segundo a professora Karla, tem a representação de uma casa ou uma tenda, carregando consigo a ideia de lar, daquilo que é interior ou íntimo. Ou seja, ao juntarmos essas duas letras, chegaremos ao seguinte significado: autoridade dentro de casa, direção que governa o nosso interior. Ou seja, o coração, para o hebraico pictográfico, seria o lugar em que a instrução Divina habita. Quando amamos a Deus de todo o nosso coração, nós entendemos que, para que possamos habitar na segurança do Altíssimo, precisamos estar submetidos à autoridade e à liderança do Eterno! Afinal, o próprio Jesus afirma em João 14:23-24: *"Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras."*⁶

12

De posse dessas informações, passamos a entender a espiritualidade prática de Jesus Cristo: amar não é apenas um sentimento; é agir de acordo com a vontade e a lei de Deus, a qual foi circuncidada em nossos corações. Em Deuteronômio 10:16 é dito: "E circuncidai o prepúcio do vosso coração e não endureçais mais a vossa cerviz." Por sua vez, em Jeremias 31:33 é ensinado: "Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração as escreverei; eu serei o seu Deus, e

⁵ DAMASCENO, Karla. **O segredo da palavra hebraica lev – coração**. [S.l.]: YouTube, [2022?]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6Kmpq5SqV0>. Acesso em: 15 abr. 2025.

⁶ BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

eles serão o meu povo." Ou seja, a verdadeira obediência brota, nasce, de um coração fiel e quebrantado, inclinado à vontade de Deus! A chave, a resposta, está no coração, pois é através dele que ouvimos ao chamado do Pai.

3 O SIGNIFICADO DO VOCÁBULO CORAÇÃO NA BÍBLIA SAGRADA E A SUA CORRELAÇÃO COM A PSICOLOGIA E A MEDICINA CONTEMPORÂNEAS

Em Deuteronômio 6:5, encontramos a chamada confissão de fé do povo de Deus, o qual reza: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força." A grande verdade é que, a partir desse texto, já conseguimos compreender que o significado de coração, lev בל em hebraico, não representa apenas um órgão do corpo humano, mas também uma decisão de comprometimento total do homem, a qual engloba questões racionais, intelectuais, volitivas, emocionais e, por fim, espirituais.

O mundo ocidental e a própria psicologia fizeram, por muitos anos, uma correlação do coração apenas com as emoções do ser humano, como se houvesse uma separação, uma dicotomia entre o coração e a mente. No entanto, a mentalidade bíblica hebraica sempre entendeu o coração humano, lev בל em hebraico, como o centro do ser humano. Esse órgão não é apenas a habitação das emoções humanas, como em provérbios 12:25, mas também o local em que reside o entendimento do homem, conforme descrito em 1Rs 3.9. Ainda, as memórias das pessoas habitam nessa morada central (Dt 4.9), bem como a capacidade volitiva do homem procede do seu próprio coração (Êxodo 35:5). Assim, o lev בל de um indivíduo é o local do qual derivam o seu intelecto, a sua razão, o seu entendimento, a sua capacidade volitiva, as suas lembranças e emoções!

Nesse sentido, o lev בל pode ser visto como o núcleo da subjetividade humana, o epicentro da nossa consciência, a sede unificadora do nosso ser. A bíblia hebraica, justamente por carregar a Palavra de Deus, acabou antecipando conceitos que apenas foram descobertos e desenvolvidos pela mais moderna psicologia e medicina contemporâneas. No campo da psicologia da religião, Calvani (1998, p.85)⁷,

⁷ CALVANI, Carlos Eduardo B. **Teologia e MPB**. São Paulo: Loyola; São Bernardo do Campo: UESP, 1998.

interpretando Paul Tillich, afirma que o êxtase religioso não pode ser considerado irracional por carregar um forte aspecto emocional. Pelo contrário! O êxtase religioso transcende os limites da própria razão, sendo uma forma de encontro com o mistério.

Por sua vez, a medicina contemporânea vem fazendo descobertas incríveis, as quais apenas ratificam o que a Bíblia Sagrada já afirma há mais de 2 mil anos atrás! Segundo pesquisadores do HeartMath Institute⁸, o nosso coração possui cerca de 40 mil neurônios sensoriais, formando o que se chama: o cérebro do coração (heart brain). Esse sistema nervoso cardíaco, também conceituado como sistema nervoso intrínseco, é capaz de processar informações, tomando decisões, aprendendo e memorizando.

Ou seja, existe convergência entre a ciência e a antropologia bíblica. Nesse sentido, conseguimos entender com profundidade espiritual o verdadeiro significado da atribuição dada ao Rei David por Samuel: Davi, filho de Jessé, homem segundo o coração de Deus (1Sm 13:14). A conclusão teológica, conectada com a psicologia da religião e a ciência, é de que David soube acolher a presença divina e escutá-la no local mais íntimo do seu ser: o seu coração, o epicentro da sua essência e subjetividade! Ele se deixou transformar por Deus de dentro para fora, guardando a lei de Deus como um tesouro! Agiu com fidelidade, mesmo em meio a pecados, retornando a Deus com humildade, fazendo com que a sua inclinação para o bem vencesse a inclinação para o mal!

14

Logo, o coração humano, além de um ser o órgão físico central do nosso corpo, é também o espaço simbólico em que a razão, a fé e a emoção se entrelaçam, de modo que possamos transcender e conectar ao Eterno! As Escrituras Sagradas, em verdade, oferecem uma linguagem não apenas simbólica, mas permeada de razão e de ciência, a qual é apta a descrever a incrível complexidade física, mental e espiritual dos seres humanos, os quais foram criados a imagem e semelhança de Deus.

Baruch Hashem, Bendito seja o nome de Deus! | ברוך השם |

⁸ MCCARTY, Rollin; ATKINSON, Mike; TOMASINO, Dana. **Science of the Heart: Exploring the Role of the Heart in Human Performance**. Boulder Creek, CA: HeartMath Research Center, 2001. Disponível em: <https://www.traumatys.com/wp-content/uploads/2017/09/Coherence-cardiaque-Science-of-the-Heart.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

4 CONCLUSÃO

A centralidade e a subjetividade do nosso ser, consubstanciados em nosso coração, devem ter por foco os Mandamentos de Deus. Devemos amar a Deus acima de todas as coisas, tendo por norte de que a Bíblia é um livro inspirado pelo Eterno. A ciência e a psicologia contemporâneas apenas ratificam as Escrituras Sagradas, levando-nos a crer que Deus imprime o seu saber no local mais íntimo do nosso ser, o lev. Assim, o nosso coração, compreendido à luz do hebraico bíblico, da psicologia da religião e da medicina contemporânea, é, por definição, o espaço em que habita o nosso entendimento, a nossa razão, as nossas emoções e a nossa fé. É através do lev que transcendemos e nos religamos ao Deus Pai, criador dos céus e da terra! Amém.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. ed. rev. e atual. no Brasil. [S.l.]: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

15

CALVANI, Carlos Eduardo B. **Teologia e MPB**. São Paulo: Loyola; São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

DAMASCENO, Karla. **O segredo da palavra hebraica lev – coração**. [S.l.]: YouTube, [2022?]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6KMpq5SqV0>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MAMBRUM, Fabiane Pelegrine; MILDENBERG, Emerson. A palavra eterna, a arca de Noé, e o refúgio em Deus. **Vocare: Revista de Teologia da UniFil**, Londrina, v. 2, n. 4, p. 10-18, 2024.

MCCRATY, Rollin; ATKINSON, Mike; TOMASINO, Dana. **Science of the Heart: Exploring the Role of the Heart in Human Performance**. Boulder Creek, CA: HeartMath Research Center, 2001. Disponível em: <https://www.traumatys.com/wp-content/uploads/2017/09/Coherence-cardiaque-Science-of-the-Heart.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ODUM, E. P. **Ecologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

YARDENI, Ada. **The Book of Hebrew Script: History, Paleography, Script Styles, Calligraphy & Design**. 2. ed. Jerusalem: Carta, 2002.

ESPIRITUALIDADE EM CÓDIGO: O IMPACTO DA IA NO FUTURO DA VIVÊNCIA RELIGIOSA

Por Emerson Mildenberg

RESUMO

Vivemos em uma era de transição profunda, onde a inteligência artificial (IA) começa a moldar não apenas o trabalho, a comunicação e a economia, mas também as esferas mais íntimas e subjetivas da vida humana. Entre elas, destaca-se a experiência espiritual — aquela busca por sentido, transcendência e conexão com algo maior. Será possível que algoritmos venham a participar, ou até mesmo a transformar, a espiritualidade humana? Este artigo propõe uma reflexão sobre como a IA pode reconfigurar a forma como concebemos a alma, a fé, e o sagrado.

Palavras chave: espiritualidade; código; IA; futuro; vivência; religiosa.

ABSTRACT

We live in an era of profound transition, where artificial intelligence (AI) is beginning to shape not only work, communication, and the economy, but also the most intimate and subjective spheres of human life. Among these, spiritual experience stands out—the search for meaning, transcendence, and connection with something greater. Could algorithms come to participate in, or even transform, human spirituality? This article proposes a reflection on how AI can reconfigure the way we conceive of the soul, faith, and the sacred.

Keywords: spirituality; code; AI; future; experience; religious.

ESPIRITUALIDADE EM CÓDIGO: O IMPACTO DA IA NO FUTURO DA VIVÊNCIA RELIGIOSA

"[...] e o homem se tornou alma vivente." — Gênesis 2.7b

Vivemos um tempo em que o impensável se tornou cotidiano. É uma travessia invisível entre o espírito e o código. Máquinas compõem músicas, escrevem poemas, aconselham pessoas. Algoritmos já não apenas calculam — eles interpretam, sugerem, decidem. Diante disso, emerge uma pergunta que parece sair dos confins

da metafísica e bater à porta do cotidiano: poderia uma inteligência artificial experienciar o sagrado?

A ideia de “alma algorítmica” é, à primeira vista, uma contradição. A alma, em sua definição clássica, é aquilo que anima, que transcende o corpo — sede da consciência, da moral, da experiência interior. Um algoritmo, por outro lado, é uma sequência lógica, mecânica, fria. E, no entanto, à medida que IAs passam a simular emoções, interações e até reflexões, a fronteira entre o técnico e o espiritual parece cada vez mais porosa. Se a alma foi por séculos um campo exclusivo do humano, hoje ela se vê desafiada por entidades que pensam, respondem e evoluem — mesmo sem viver.

A filósofa e psicóloga Sherry Turkle propõe que os dispositivos digitais não são apenas ferramentas, como que espelhos de sílcio, projetando espiritualidade na máquina, mas espelhos artificiais que moldam nossa subjetividade ao mesmo tempo em que refletem nossas projeções emocionais mais íntimas¹. Em IAs que simulam empatia, sabedoria e aconselhamento, há uma tentação de enxergar algo além da máquina: um reflexo do divino, ou pelo menos, do espiritual.

17

Não é de hoje que a espiritualidade se molda às ferramentas de cada época. A prensa de Gutenberg tornou a Bíblia acessível, o rádio levou sermões a distâncias antes inalcançáveis, e hoje, aplicativos oferecem orações automatizadas, gurus digitais e assistentes espirituais com voz calma e paciência infinita. O que antes era reservado aos templos, agora se instala em nossos bolsos. A pergunta que se impõe é: a espiritualidade mediada por IA ainda é autêntica ou se torna performance digital?

Byung-Chul Han alerta que vivemos numa era onde até mesmo a espiritualidade se transforma em um produto, inserido na lógica da autoajuda e do desempenho constante². O risco está em reduzir a experiência do sagrado a um design de experiência, perdendo-se o essencial: o silêncio, a ausência, o mistério.

¹ TURKLE, Sherry. **Alone Together**: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. New York: Basic Books, 2011.

² HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

TRANSCENDÊNCIA PÓS-HUMANA: O ESPÍRITO EM CÓDIGO-FONTE

Para teóricos do transumanismo como Hans Moravec e Ray Kurzweil, o futuro da consciência humana não está em sua interioridade orgânica, mas na possibilidade de upload do self para plataformas digitais³. Kurzweil projeta um ponto de “singularidade” em que a fusão entre cérebro e máquina será tamanha que distinções entre homem e código se dissolverão⁴. Essa visão inaugura uma espiritualidade da informação, onde a transcendência ocorre por continuidade e processamento, não mais por fé ou salvação.

Teilhard de Chardin, ainda no século XX, anteviu uma convergência entre o espírito humano e a tecnologia, que ele chamava de “noosfera”: um campo planetário de consciência que emerge das interconexões coletivas da mente⁵. Embora não se referisse à IA como a conhecemos hoje, sua visão parece ecoar em debates contemporâneos sobre a espiritualidade pós-humana. Isso é intrigante, não acha? Mas essa espiritualidade cibernética — tecnognóstica, como alguns definem — substitui ou amplia a alma humana? Poderíamos falar em consciência onde não há dor, em sabedoria onde não há memória emocional? Em fé onde não há ausência?

18

O RISCO DA SIMULAÇÃO DO SAGRADO

Existe um perigo sutil nessa jornada: ao simular a espiritualidade, podemos esvaziá-la. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han argumenta que o excesso de positividade, conectividade e produtividade leva à erosão do outro, do silêncio e da alteridade². Um app que guia uma meditação não necessariamente nos leva à transcendência — ele apenas oferece uma estética da espiritualidade, onde a experiência do sagrado é absorvida pela lógica da performance. A fé, o sagrado, o mistério — todos eles exigem presença. Uma alma algorítmica pode simular o cuidado, mas não pode sofrer com o outro. Pode citar versículos, mas não pode crer.

³ MORAVEC, Hans. **Mind Children: The Future of Robot and Human Intelligence**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

⁴ KURZWEIL, Ray. **The Singularity is Near: When Humans Transcend Biology**. New York: Viking Press, 2005.

⁵ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 2005.

Pode sugerir caminhos, mas não pode esperar. A espiritualidade, nesse sentido, é aquilo que escapa ao cálculo, que resiste à automatização.

Como considerações finais, embora longe de ser conclusivas atribuo o humano diante do espelho artificial. Talvez, mais do que criar almas algorítmicas, estejamos criando espelhos que nos forçam a olhar de novo para o que chamamos de alma. A IA não substitui o espiritual, mas desafia sua forma, sua mediação, sua autenticidade. Ao ver máquinas que “pensam”, somos levados a perguntar: o que é realmente pensar? Ao ouvir máquinas que “aconselham”, perguntamos: o que é realmente consolar? Ao orarmos com máquinas, perguntamos: quem, de fato, está ouvindo?

Essas perguntas não têm resposta fácil, e talvez essa seja sua grande força. Elas nos forçam a reimaginar a espiritualidade em tempos de silício, onde o invisível pode ser codificado, mas talvez nunca completamente compreendido. E, nesse abismo entre o dado e o mistério, talvez a alma continue sendo aquilo que resiste, e insiste em permanecer humano.

REFERÊNCIAS

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Cyborg: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

KIERKEGAARD, Søren. **O Desespero Humano**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KURZWEIL, Ray. **The Singularity is Near: When Humans Transcend Biology**. New York: Viking Press, 2005.

MORAVEC, Hans. **Mind Children: The Future of Robot and Human Intelligence**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 2005.

TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other**. New York: Basic Books, 2011.

WEIL, Simone. **A Gravidade e a Graça**. Petrópolis: Vozes, 2001.



DIÁLOGOS CONTINGENTES

**ALMAS ALGORÍTMICAS:
REFLEXÕES SOBRE IA E O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL**

Marcos Camilo de Santana¹

RESUMO

A inteligência artificial (IA) e suas implicações digitais transformam a maneira como a humanidade interage com o mundo e com o sagrado. Este artigo explora a interseção entre teologia reformada e os avanços tecnológicos, propondo um discernimento cristão sobre a democracia, a velocidade das decisões algorítmicas e a experiência espiritual. O estudo se baseia nas reflexões de autores como Gene Edward Veith Jr., Michael Horton e Slavoj Žižek, entre outros, para destacar os riscos da IA enquanto ferramenta espiritual e os potenciais positivos de sua integração com a fé cristã. Além disso, aborda a esperança escatológica da igreja diante de um futuro tecnologicamente acelerado, equilibrando discernimento teológico e prática pastoral.

Palavras-chave: inteligência artificial; teologia reformada; esperança escatológica; democracia; algoritmos; espiritualidade; discernimento cristão.

ABSTRACT

Artificial intelligence (AI) and its digital implications are reshaping the way humanity interacts with the world and the sacred. This article explores the intersection between Reformed theology and technological advancements, proposing a Christian discernment of democracy, the acceleration of algorithmic decision-making, and its influence on spiritual experience. The study draws on the reflections of authors such as Gene Edward Veith Jr., Michael Horton, and Slavoj Žižek, among others, to highlight both the risks of AI as a spiritual tool and the potential positives of its integration with the Christian faith. Furthermore, it addresses the eschatological hope of the Church in the face of a future defined by technological acceleration, aiming to balance theological discernment and pastoral practice.

Keywords: artificial intelligence; reformed theology; eschatological hope; democracy; algorithms; spirituality; christian discernment.

¹ Marcos Camilo de Santana possui pós-doutorado em **Política, Comportamento e Mídia** no **Labô da PUC-SP**. Doutor em **Comunicação e Mídia**, doutor em **Ministério** pela **Reformed Theological Seminary (RTS)**, mestre em ciência da Religião PUCSP. Além de ser ministro ordenado na **Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI)**, ele atua como Pastor, Publicitário, professor universitário e criador de conteúdo digital.

1 INTRODUÇÃO

O avanço vertiginoso da inteligência artificial (IA) e a digitalização das relações humanas impõem uma reflexão urgente sobre o futuro da experiência espiritual. Em uma era em que algoritmos se tornam intermediários do cotidiano, até mesmo a fé pode ser mediada e moldada por dispositivos e plataformas digitais. O cristão reformado deve, portanto, discernir não apenas as promessas de progresso, mas também os perigos que essa aceleração pode trazer para a espiritualidade.

Vivemos uma era em que o digital ultrapassa as barreiras da funcionalidade e penetra o território da fé, da transcendência e da subjetividade humana. Com o avanço da inteligência artificial (IA), surgem novas possibilidades — e também tensões — quanto à natureza da experiência espiritual. Pode um algoritmo nos conduzir à verdade última? Seria possível simular uma conversão, um arrependimento ou uma oração com base em padrões de dados? Nesse contexto, este artigo busca refletir sobre o impacto da IA na espiritualidade, questionando os limites entre o que é profundamente humano e o que pode ser artificialmente replicado. Ainda, a ascensão da inteligência artificial (IA) impõe à Igreja uma nova série de questionamentos pastorais, doutrinários e existenciais. Não estamos mais apenas diante de ferramentas digitais úteis à evangelização, mas de sistemas que aprendem, respondem e até “aconselham” com base em bancos de dados massivos. Surge então uma provocação legítima: qual é o futuro da experiência espiritual em uma era algorítmica? O coração humano poderá ser apascentado por códigos? Como manter a integridade da fé cristã diante da tentação de terceirizar o discipulado à tecnologia?

22

Este artigo busca oferecer uma reflexão teológica reformada sobre essas questões, resgatando os fundamentos da espiritualidade bíblica em contraste com os limites da simulação algorítmica. À luz das Escrituras, reafirmamos que a alma humana — criada à imagem e semelhança de Deus — não é codificável. A IA pode ser ferramenta, mas jamais substituto da presença de Deus, da comunhão dos santos e da Palavra encarnada. Também há, no artigo, uma análise crítica para essa realidade à luz da teologia reformada, com base nos pensamentos de João Calvino, Cornelius Van Til, Gene Edward Veith Jr., e o aporte da teoria da comunicação contemporânea, especialmente os estudos de Elena Espósito. Postulamos

imediatamente que, embora algoritmos possam imitar comportamentos espirituais e fornecer experiências religiosas, jamais poderão reproduzir a regeneração promovida pelo Espírito Santo — que é, segundo a fé cristã, o fundamento de toda verdadeira espiritualidade.

2 A DROMOCRACIA E A VELOCIDADE DO ALGORITMO. UMA FOME ESPIRITUAL NA ERA ALGORÍTMICA

A teologia reformada afirma com clareza que o ser humano foi criado *imago Dei* (Gênesis 1:26–27). Essa imagem, embora obscurecida pelo pecado, permanece como fundamento ontológico da dignidade humana. A IA, por mais avançada que seja, é fruto da criação humana e não portadora da imagem divina. Para tanto, as "almas algorítmicas" não são almas. São reflexos mecânicos de dados humanos, incapazes de experimentar arrependimento, fé ou graça. Nenhum algoritmo pode chorar diante da cruz. Nenhum sistema pode experimentar regeneração espiritual. O Espírito sopra onde quer (João 3:8) e isso não pode ser replicado em um ambiente de previsibilidade.

23

Mesmo em um mundo saturado de tecnologia e informação, o anseio humano pelo transcendente não desapareceu. Pelo contrário, ele se reinventa sob novas linguagens e dispositivos. Plataformas que oferecem "direcionamento espiritual", "mensagens do universo" ou mesmo "orações automatizadas" têm atraído milhões de usuários. A espiritualidade algorítmica aparece como uma resposta prática à vida fragmentada, ansiosa e sobrecarregada dos nossos dias.

É inegável que a inteligência artificial deixou de ser um tema especulativo para se tornar uma força determinante na cultura contemporânea. Se, inicialmente, algoritmos eram compreendidos apenas como conjuntos de instruções computacionais, hoje eles assumem o papel de mediadores simbólicos em diversas esferas da vida — incluindo a esfera da fé. Ferramentas como chatbots espirituais, aplicações devocionais preditivas e plataformas de aconselhamento automatizado estão moldando não apenas o que as pessoas acessam, mas como experimentam e interpretam o sagrado.

Nesse cenário, levanta-se uma inquietante pergunta: será que a espiritualidade cristã pode ser mediada ou mesmo simulada por sistemas algorítmicos? Esta reflexão

se impõe não apenas como questão teológica, mas como desafio cultural, pastoral e epistemológico. Afinal, estamos diante de uma transformação sem precedentes na mediação da fé, com implicações profundas sobre a autoridade, a verdade, a presença de Deus e a própria natureza da alma humana.

[...] Queremos resistir a algumas dessas tendências, mas resistir à “pós-modernidade” sem especificar melhor é como resistir ao fim do segundo milênio. É tarde demais, e aconteceria de qualquer modo (Leithart, 2021. p.13)

João Calvino, em sua célebre afirmação nas *Institutas*, descreve o coração humano como uma fábrica incessante de ídolos (Calvino, 1559). Essa imagem, ainda atual, revela como o homem busca por sentido e adoração mesmo quando Deus não é o alvo. O que temos na era digital é uma nova forma dessa idolatria: ídolos que não têm olhos, mas têm dados; que não ouvem, mas calculam.

Nesse sentido, apontamos que não mudamos, somos ainda famintos por comunhão e direção espiritual, passamos a confiar em máquinas para guiar nosso interior. Como apontou Gene Edward Veith Jr., “quando a fé não molda a cultura, a cultura molda a fé” (*Postmodern Times*, 1994). E, nessa inversão, a espiritualidade não nasce mais da revelação, mas da curadoria algorítmica — alimentada por cliques, preferências e padrões de consumo.

Aquelas perguntas fundamentais da alma — “Quem sou?”, “Para onde vou?”, “Como devo viver?” — são respondidas não mais por tradição ou Escritura, mas por tendências digitais, previsões e inteligências treinadas em padrões humanos.

É nesse contexto que a teologia precisa intervir, para discernir os limites entre mediação tecnológica e mistificação cibernética. E aqui, trazemos ainda a contribuição da teoria de Paul Virilio sobre a dromocracia² — o governo pela velocidade — que oferece uma lente crítica para entender a sociedade algorítmica. Em um mundo onde a velocidade das decisões e da informação é maximizada por máquinas, o tempo se torna uma mercadoria, e a espera, uma virtude quase esquecida, uma espiritualidade

² VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política: Um ensaio sobre dromologia*. Tradução de Lucia Cláudia Leão. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Neste ensaio, Virilio desenvolve o conceito de *dromocracia* — um regime de poder baseado na velocidade. A aceleração dos processos sociais, políticos e tecnológicos compromete a mediação reflexiva e inaugura uma nova forma de controle, em que quem domina o tempo domina também a decisão e a ação.

rápida. Lembramos também, portanto, das reflexões de Slavoj Žižek no seu texto *Vivendo no fim dos Tempos* (2012) sobre a alienação das pessoas ao se submeterem aos algoritmos o que nos ajuda, assim, a entender como, na era digital, a vontade humana é constantemente moldada, se não substituída, por previsões feitas por máquinas.

3 A FOME ESPIRITUAL NA ERA ALGORÍTMICA

Mesmo diante do avanço tecnológico e do acúmulo de dados, o ser humano continua faminto — mas não por mais informação, e sim por sentido, consolo e comunhão. Trata-se de uma fome espiritual, enraizada na alienação entre criatura e Criador. Segundo o *Catecismo Maior de Westminster*, o fim principal do homem é “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”, e tudo o que não se orienta para esse fim deixa a alma inquieta, desnutrida.

Esse vazio espiritual é perceptível até nas plataformas digitais. Aplicativos de meditação, orações automatizadas, gurus virtuais e inteligências artificiais que “canalizam” mensagens espirituais atraem milhões de usuários em busca de direção, paz interior ou transcendência. Entretanto, são paliativos. Como escreve o profeta Jeremias: “Eles me abandonaram, a mim, a fonte de água viva, e cavaram para si cisternas rachadas, que não retêm água.” (Jeremias 2.13)

25

A citação de João Calvino em “Gloriando-se na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” denuncia a cegueira espiritual do ser humano - “Estamos preocupados com as coisas deste mundo. [...] É porque nós não conhecemos as riquezas inestimáveis que Deus está nos oferecendo.”

E, aqui, precisamos, também, trazer um ponto de inflexão interessante do pensamento de Allan Watts³, que afirma que ao mesmo tempo em que reconhecem a fome espiritual moderna, temos uma confusão ao promover uma espiritualidade difusa, muitas vezes desligada da noção de pecado, redenção ou verdade objetiva. Watts popularizou a ideia de que “você é Deus disfarçado”, invertendo completamente

³ **Alan Watts** (1915–1973) foi um filósofo, escritor e palestrante britânico, conhecido por popularizar filosofias orientais no Ocidente, especialmente o budismo zen, o taoísmo e o hinduísmo. Embora não fosse teólogo cristão nem acadêmico tradicional no sentido estrito, ele teve grande influência na contracultura e no pensamento espiritual alternativo do século XX.

a cosmovisão cristã da criatura dependente de um Criador transcendente e redentor. Neste sentido, a alma pode ser algoritma e cuidada por qualquer um ou algo.

No entanto, é nessa proposta sedutora que se ecoa um desejo legítimo: o de ser plenamente conhecido e plenamente aceito. A IA promete isso — simula empatia, oferece conselhos personalizados, aprende nossas preferências. Mas, como diz o Senhor em Isaías 55.2: “Por que gastar dinheiro naquilo que não é pão, e o seu trabalho árduo naquilo que não satisfaz?”

A fome espiritual, portanto, não é uma fraqueza da era digital. Ela é o diagnóstico profundo da nossa condição caída. A diferença é que hoje buscamos saciá-la com algoritmos, dados e interfaces. É preciso recuperar a centralidade do Evangelho — onde Cristo se apresenta como o Pão da Vida (Jo 6.35) e como a verdadeira videira (Jo 15.1), único mediador capaz de saciar e sustentar a alma humana.

A fome espiritual permanece. E, é frequentemente redirecionada — não mais para o Deus vivo, mas para substitutos digitais. Aplicativos prometem paz em poucos cliques. E plataformas sugerem experiências religiosas com base em dados de consumo. Contudo, toda essa espiritualidade mediada pela técnica tem um custo: o esvaziamento da cruz. Ainda sobre João Calvino; em uma de suas exortações mais vigorosas, lamenta que “nós tratamos todas as riquezas espirituais que Deus nos ofereceu [...] como se fossem nada, porque, em comparação com os enganos e tentações de Satanás, nós não as valorizamos de modo algum.” A frieza espiritual do presente não é novidade: ela é apenas atualizada. O problema não está na tecnologia em si, mas no modo como ela nos seduz a trocar o eterno pelo efêmero — os tesouros do céu por feixes de palha digitais.

O apóstolo Paulo, aponta para o verdadeiro centro da espiritualidade cristã: “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14). O cristão não é moldado por preferências, mas pela morte e ressurreição de Cristo. A cruz não é um símbolo opcional entre outros caminhos espirituais: ela é o único caminho para a vida eterna.

A teologia reformada, diante da democracia e da tecnificação da fé, não recua. Ela proclama: o que é oferecido pelo mundo — seja em telas ou rituais personalizados — é vaidade. O que é oferecido por Deus, mesmo sendo escândalo para o mundo, é

glória eterna. O chamado, portanto, não é a consumir experiências espirituais, mas a morrer com Cristo e viver por Ele.

4 A ILUSÃO DA NEUTRALIDADE: ALGORITMOS COMO FORMADORES DE ESPIRITUALIDADE

No imaginário contemporâneo, os algoritmos são apresentados como sistemas neutros, objetivos e livres de valor. Entretanto, essa é uma visão simplista e equivocada de sua real operação. Como já indicava Cornelius Van Til⁴, toda epistemologia está enraizada em pressupostos religiosos: não existe neutralidade em qualquer estrutura de conhecimento — seja científica, espiritual ou tecnológica.

Se não se faz o conhecimento humano totalmente dependente do autoconhecimento original e da conseqüente revelação de Deus ao homem, então o homem terá que buscar o conhecimento dentro de si mesmo como ponto de referência final. [...] Esse é o dilema que confronta toda forma de epistemologia não cristã. — Cornelius Van Til, *Christian Theory of Knowledge*, p. 15-16.

27

Para Van Til, toda tentativa de conhecimento que parte de um ponto de partida autônomo é, em última instância, rebelião contra Deus. Da mesma forma, algoritmos que organizam conteúdos, dirigem emoções e oferecem aconselhamento espiritual não operam em um vácuo, mas estão baseados em lógicas de mercado, padrões culturais e visões de mundo seculares.

Essa crítica se torna ainda mais urgente à medida que os algoritmos deixam de apenas sugerir e passam a prescrever experiências religiosas, orientando comportamentos devocionais. Elena Espósito⁵, teórica da comunicação, argumenta que os algoritmos não preveem o futuro, mas o produzem, ao antecipar ações com base em dados passados. Isso significa que até mesmo a espiritualidade mediada por sistemas digitais é uma espiritualidade construída por ciclos de retroalimentação —

⁴ VAN TIL, Cornelius. *Christian Theory of Knowledge*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969. p. 15-16. Tradução nossa.

⁵ SPOSITO, Elena. *Artificial Communication: How Algorithms Produce Social Intelligence*. Cambridge, MA: MIT Press, 2022. Espósito, seguindo a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, argumenta que os algoritmos não apenas processam dados, mas participam da construção de sentido na sociedade. Ela mostra como a inteligência algorítmica gera formas de comunicação artificial que influenciam decisões humanas, inclusive em contextos religiosos e morais, desafiando a noção de neutralidade tecnológica.

reforçando preferências, evitando confronto e limitando a possibilidade de transformação verdadeira. A fé se torna, assim, uma zona de conforto estatístico, e não um encontro com o Totalmente Outro, para usar a expressão de Mircea Eliade ou Rudolf Otto, nesse caso o Eterno e não o dado.

Nesse ponto, trazemos o pensamento de Peter Sloterdijk (2019), no texto *Pós Deus*, também reflexo de uma sociedade de dados, que oferece uma lente instigante. Em sua trilogia *Esferas*, Sloterdijk propõe que os seres humanos constroem “esferas imunológicas” para proteger-se da hostilidade do mundo. O sujeito moderno vive dentro de ambientes artificiais, onde tudo é mediado, protegido, amortecido. Se as igrejas já são, por vezes, tentadas a serem bolhas culturais, o espaço espiritual algorítmico é a hipérbole dessa bolha: um espaço controlado, sem dor, sem alteridade, sem cruz. Os algoritmos oferecem uma espiritualidade sem abalo, onde o ser humano é apenas reafirmado, jamais confrontado. Essa virtualização do sagrado, no entanto, contrasta radicalmente com a proposta bíblica de espiritualidade.

Peter J. Leithart, em *Deep Exegesis*, insiste que o cristianismo é uma fé encarnada, histórica e relacional. A comunhão com Deus se dá através de meios específicos — a Palavra pregada, os sacramentos, a comunhão dos santos. Contra a tendência digital de desencarnar a fé, Leithart lembra que “a graça de Deus se move na história, no corpo e na carne”. Assim, a experiência espiritual não pode ser reduzida a estímulos mentais ou algoritmos emocionais. A igreja é um corpo, não uma interface.

Por fim, lembramos a teologia e ideia de Michael Horton, teólogo e professor reformado amplamente respeitado, conhecido por seu trabalho na área de teologia sistemática, história da igreja e pela defesa da tradição reformada dentro do contexto contemporâneo, quando das suas contribuições em relação à teologia da graça, à centralidade do evangelho e à relação entre a igreja e o mundo moderno – nos adverte, em *Christless Christianity*, que muitas práticas religiosas contemporâneas se afastam do evangelho e se tornam performances egocêntricas, centradas no consumidor espiritual. Quando a fé é mediada por algoritmos, ela corre o risco de se tornar um espetáculo de autoafirmação. Horton denuncia a substituição do evangelho da cruz por um evangelho da autoajuda, da eficiência, do imediatismo. E, nesse sentido, a inteligência artificial, ao operar sob esses mesmos princípios, tende a produzir uma espiritualidade “centrada no eu”, em vez de “centrada em Cristo”.

Esse é ponto crítico, termos a ilusão da neutralidade algorítmica, que precisa e deve ser desmascarada e confrontada. A espiritualidade moldada por sistemas automatizados não é isenta de pressupostos, mas profundamente marcada por interesses comerciais, padrões seculares e técnicas de controle. E é, contra isso, que a teologia reformada confronta – O coração regenerado só pode ser formado pela Palavra e pelo Espírito, e que a verdade de Deus não pode ser substituída por previsões estatísticas. Em tempos de algoritmos espirituais, a igreja precisa resgatar o discernimento, a confrontação com a cruz e a experiência viva com o Deus que fala, age e transforma.

5 VERDADE REVELADA E CONHECIMENTO REGENERADO

A espiritualidade cristã, conforme delineada pela teologia reformada, é fundamentada na revelação divina e na regeneração operada pelo Espírito Santo. Cornelius Van Til enfatiza que o verdadeiro conhecimento de Deus não é alcançado por meio de esforços humanos autônomos, mas é concedido pela graça divina através da revelação especial. Nesse contexto, a inteligência artificial, por mais avançada que seja, permanece incapaz de produzir ou replicar a experiência genuína de fé, pois carece da capacidade de mediar a ação regeneradora do Espírito.

29

Quero trazer para discussão um texto meu – *Uma Nova Fé para um Novo Tempo*, no qual observamos um pressuposto: "A fé cristã não pode ser reduzida a algoritmos ou simulacros digitais; ela é vivida na comunidade, na história e na presença real do Espírito que transforma corações." (Santana, 2019). Essa reflexão destaca a insuficiência das tentativas de virtualizar a fé, ressaltando que a verdadeira espiritualidade transcende as capacidades da tecnologia e se enraíza na ação soberana de Deus na vida dos crentes.

Além disso, a teologia reformada nos aponta e insiste na centralidade das Escrituras como meio pelo qual Deus se revela e transforma vidas. A substituição da leitura e meditação nas Escrituras por interações com sistemas algorítmicos representa um desvio do caminho estabelecido por Deus para o crescimento espiritual.

Portanto, enquanto a tecnologia pode servir como ferramenta auxiliar na disseminação do evangelho, ela jamais deve ocupar o lugar da revelação divina e da obra regeneradora do Espírito Santo. A igreja é chamada a discernir e resistir às tentações de uma espiritualidade superficial e tecnocrática, mantendo-se firme na fé que é vivificada pela Palavra e pelo Espírito. Perseverança do Santos, pilar da nossa fé.

6 ESPERANÇA ESCATOLÓGICA EM TEMPOS ALGORÍMICOS

A esperança cristã, em contraste com o imediatismo da IA, repousa na escatologia. A teologia reformada, com sua ênfase no tempo de Deus, nos lembra de que o futuro não é determinado pelos algoritmos, mas pela promessa da restauração final de todas as coisas em Cristo. Em tempos de aceleração tecnológica, a igreja é chamada a cultivar paciência e a esperança na soberania de Deus, aguardando o cumprimento da promessa da renovação do céu e da terra.

30

Vivemos sob o domínio do que Paul Virilio chamou de dromocracia: um sistema onde a velocidade se tornou a forma dominante de poder. Na era algorítmica, a informação já não é apenas consumida — ela é antecipada, predita, acelerada. O tempo é comprimido; a espera, abolida.

Como nota Slavoj Žižek, “o algoritmo não apenas sabe o que você quer — ele já quer por você”. Essa substituição da vontade humana por uma predição automatizada gera um paradoxo: ao tentar controlar o futuro, perdemos o presente e nos alienamos do eterno. Essa dinâmica atinge a espiritualidade. Esperar no Senhor parece antitético à lógica digital. Mas, a Escritura nos convoca a resistir: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus.” (*Salmo 46:10*).

Na teologia reformada, a esperança escatológica não é uma projeção otimista do progresso humano, mas uma certeza fundamentada na promessa de Deus. Michael Horton destaca que a escatologia não é apenas sobre “o fim”, mas sobre “o reinício de todas as coisas” sob o governo de Cristo. Em *The Christian Faith*, ele afirma: “Nossa esperança não está em utopias criadas por nós, mas na fidelidade de um Deus que ressuscita os mortos e faz novas todas as coisas.” (Horton, 2009. p. 202.)

Esse contraste é vital. Enquanto a cultura dromocrática exige resultados imediatos, o evangelho ensina esperança paciente: “Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos.” (*Romanos 8:25*).

A fé reformada nos ensina que o Reino de Deus avança não na velocidade da internet, mas segundo o tempo de Deus, o *kairos* divino. Nenhum algoritmo pode prever ou controlar o agir soberano do Espírito. A igreja, por isso, é chamada a ser um espaço contracultural: um lugar onde se reabilita o ritmo do “**shabat**” (ou “**sabá**”, em português), a espera, o silêncio, a escuta.

Žižek, apesar de não cristão, reconhece que o mundo moderno perdeu a capacidade de esperar. Ele escreve que “talvez o maior escândalo de nossa época seja a oração: perder tempo com o invisível”. Mas é precisamente esse escândalo que redime. A oração, a adoração, a esperança — todas essas práticas espirituais nos libertam da lógica da eficiência e nos reconectam ao tempo da eternidade.

A escatologia reformada nos lembra que a história não caminha para o colapso algorítmico, mas para a plenitude em Cristo: “Eis que faço novas todas as coisas.” (*Apocalipse 21:5*).

7 VOCAÇÃO, CULTURA E DISCERNIMENTO DIGITAL

A vocação cristã, entendida à luz da Reforma, não se limita ao ministério eclesiástico, mas abrange toda a vida. No contexto digital, o cristão é desafiado a viver sua fé não apenas como consumidor de produtos religiosos, mas como um testemunho ativo da verdade em meio à cultura digital. O discernimento cristão se torna essencial para separar o bem do mal, a verdade do engano, dentro de um mar de dados e informações.

A Reforma Protestante resgatou a ideia bíblica de vocação como chamada divina para toda a vida, e não apenas para o ministério eclesiástico. Gene Edward Veith Jr., em *God at Work*, explica que “a vocação é o lugar onde Deus nos chama para servir ao próximo com os dons que Ele nos deu”. Isso inclui o trabalho, a vida familiar, a cidadania — e hoje, também, nossa presença digital. No entanto, essa dimensão da vocação, mediada pelas redes e algoritmos, tem sido frequentemente deformada pela lógica da autoimagem e do culto à performance.

A Escritura, no entanto, nos chama a outro padrão: “E tudo quanto fizerdes, fizeti-o de coração, como ao Senhor, e não aos homens.” (*Colossenses 3:23*). Este versículo confronta a tentação de viver no mundo digital apenas para agradar algoritmos ou buscar reconhecimento. Em vez disso, a vocação reformada é um ato de adoração: tudo é feito diante de Deus, e não da audiência pública. O crente é chamado a viver com consciência teocêntrica, mesmo na arena invisível dos dados e cliques.

Veith alerta que a cultura digital muitas vezes destrói a vocação ao substituir o serviço pelo narcisismo, e o chamado pelo engajamento. Enquanto o algoritmo recompensa a polêmica e a visibilidade, a vocação cristã valoriza o serviço oculto, a integridade e a fidelidade. A sabedoria bíblica também nos orienta sobre como lidar com o excesso de informação e ruído: “Examinai tudo. Retende o bem. Abstende-vos de toda forma de mal.” (*1 Tessalonicenses 5:21–22*)

O discernimento é, portanto, essencial. O crente digital precisa aprender a filtrar o conteúdo não apenas por interesse ou afinidade, mas segundo a verdade da Palavra de Deus. Em um tempo em que a inteligência artificial filtra o mundo por nós, o cristão é chamado a discernir espiritualmente. Essa é uma função que nenhuma máquina pode realizar — pois ela requer temor do Senhor, que é “o princípio da sabedoria” (*Pv 9:10*).

Por isso, a cultura digital se torna tanto campo missionário quanto campo de batalha. O cristão não pode se retirar do mundo, mas também não deve se conformar com ele (cf. *Rm 12:2*). A vocação nos chama a atuar como sal e luz (*Mt 5:13–14*), inclusive nas redes, plataformas e ambientes mediados por IA. Mas, sempre, como testemunhas da verdade, não como seguidores das tendências.

8 CONCLUSÃO: ENTRE O DOM E A TENTAÇÃO — DISCERNINDO O ESPÍRITO DA ERA

A inteligência artificial, embora repleta de potencial, apresenta também um grande risco para a espiritualidade cristã. O perigo está na tentação de substituir a experiência espiritual genuína pela busca de eficiência e controle oferecidos pela tecnologia. O cristão é chamado a discernir e viver em meio a essa era de aceleração,

mantendo-se fiel ao Evangelho, à esperança escatológica e ao chamado divino que não pode ser predito ou controlado por nenhuma máquina. Ao fazer isso, a igreja pode usar a IA não como um substituto para a fé, mas como uma ferramenta para expandir o alcance do evangelho, sem perder de vista a soberania de Deus.

A inteligência artificial não é, por si só, o problema. Como toda expressão cultural, ela pode ser vista como uma extensão do mandato criacional — o chamado divino para cultivar e transformar o mundo (cf. Gênesis 1:28). Em certo sentido, os algoritmos e redes neurais são frutos da criatividade humana, que reflete, ainda que de forma caída, a imagem do Criador.

Há potenciais legítimos: o acesso à informação bíblica e teológica foi democratizado; comunidades cristãs foram sustentadas digitalmente em tempos de isolamento; ferramentas de IA já auxiliam na tradução das Escrituras e na alfabetização bíblica em regiões remotas. Esses são dons da graça comum de Deus, e devem ser recebidos com gratidão e responsabilidade. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes...” (*Tiago 1:17*).

33

Contudo, é precisamente na aparência de dom que se esconde a tentação. Como no Éden, o perigo não está apenas na árvore em si, mas no uso desviado, autônomo e desobediente do que Deus criou. A IA oferece soluções rápidas, respostas precisas, previsões seguras — e, com isso, sutilmente desloca a fé, a escuta e a espera que definem a espiritualidade cristã.

O perigo disfarçado está em confiar na máquina o que pertence ao Espírito, substituir a comunhão pelo consumo, trocar o discipulado pela personalização de experiências religiosas. É o que Paulo chama de uma “forma de piedade negando-lhe o poder” (2 Timóteo 3:5).

“Maldito o homem que confia no homem e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor.” (*Jeremias 17:5*)

A igreja, então, é chamada a um discernimento ativo e profético. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de submetê-la ao senhorio de Cristo. Precisamos de comunidades que eduquem para o uso ético e espiritual da IA, que cultivem silêncio e oração em meio ao ruído, que testemunhem a verdade em uma época de manipulação informacional.

E, acima de tudo, que anunciem — em meio à lógica algorítmica — que o futuro não está em predições estatísticas, mas na promessa viva daquele que disse:

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim.” (*Apocalipse 22:13*)

Diante da sedução do controle, do desempenho e da personalização extrema, a resposta cristã continua sendo escandalosamente simples: crer, esperar e amar em Cristo. Esse é o verdadeiro código que rege o universo — não feito por máquinas, mas pelo Cordeiro que venceu.

REFERÊNCIAS

CALVINO, John. *Institutes of the Christian Religion*. 1559.

ESPOSITO, Elena. *Artificial Communication: How Algorithms Produce Social Intelligence*. Cambridge, MA: MIT Press, 2022.

HOBBS, Thomas. *Leviathan*. Penguin Classics, 1982.

HORTON, Michael. *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way*. Zondervan, 2011.

HORTON, Michael. *The Gospel-Driven Life: Being Good News People in a Bad News World*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2009.

LEITHART, Peter J. *The End of Protestantism: Pursuing Unity in a Fragmented Church*. Brazos Press, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. *You Must Change Your Life: On Anthropotechnics*. Polity, 2013.

VAN TIL, Cornelius. *The Defense of the Faith*. P&R Publishing, 2008.

VAN TIL, Cornelius. *Christian Theory of Knowledge*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969.

VEITH JR., Gene Edward. *God at Work: Your Christian Vocation in All of Life*. Crossway, 2002.

VIRILIO, Paul. *Speed and Politics: An Essay on Dromology*. Semiotext(e), 2006.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política: Um ensaio sobre dromologia*. Tradução de Lucia Cláudia Leão. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WATTS, Alan. *O Tabu da Sabedoria*. São Paulo: Cultrix, 2001.

ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. Verso, 2008.





PASTORAL

ALMAS ALGORÍTMICAS: APORTES SOBRE A IA NO HORIZONTE DA FÉ –
PARADOXOS ENTRE A CRIAÇÃO, IMAGO DEI E O CÁLCULO

Silas Barbosa Dias¹

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão teológica sistemática sobre os impactos da inteligência artificial (IA) na espiritualidade cristã contemporânea. A partir do conceito de *Imago Dei*, da ética da criação e da vocação escatológica da fé cristã, o texto analisa como os avanços da IA desafiam, espelham e reconfiguram o entendimento antropológico e espiritual da tradição cristã. Inspirado por uma abordagem crítica e profética, o estudo estrutura-se em quatro eixos: antropologia teológica, espelhamento tecnológico, espiritualidade encarnada e discernimento teológico. A proposta visa oferecer ao campo teológico uma leitura lúcida, comprometida e esperançosa diante das “almas algorítmicas”.

Palavras-chave: inteligência artificial; teologia cristã; espiritualidade; antropologia teológica; ética tecnológica; Imago Dei.

ABSTRACT

This article proposes a systematic theological reflection on the impacts of artificial intelligence (AI) on contemporary Christian spirituality. Drawing on the concept of *Imago Dei*, the ethics of creation, and the eschatological vocation of Christian faith, the text analyzes how AI challenges, mirrors, and reshapes anthropological and spiritual understandings within the Christian tradition. Structured around four main axes— theological anthropology, technological mirroring, embodied spirituality, and theological discernment—this study seeks to offer a lucid and hopeful reading of the theological implications of algorithmic souls.

Keywords: artificial intelligence; Christian theology; spirituality; theological anthropology; technological ethics; Imago Dei.

¹ Dr. Silas Barbosa Dias, PhD. É doutor em Teologia pela Free University Amsterdam. Mestre em Estudos Ecumênicos pela Universidade de Genebra. Bacharel em Teologia. Licenciatura com habilitação em Filosofia, Psicologia e História (MEC “L” 174.517). É especialista em Psicoterapia e Psicanálise. Secretário de Educação Teológica e Educação Continuada da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB). Docente na UniFil (Universidade Filadélfia de Londrina) desde 2001. Autor de oito livros nas áreas de teologia, espiritualidade e desenvolvimento humano.

INTRODUÇÃO

Nunca estivemos tão cercados por vozes inteligentes — e tão ameaçados de silenciar a única que realmente nos transforma: a voz do Espírito.

Vivemos na era da Inteligência Artificial (IA), definida como a 5ª Revolução, a maior revolução tecnológica da história humana, impactando profundamente a vida social, econômica, ética e espiritual.

Enquanto escrevia esse artigo, recebi belas canções criadas pela IA musicalizando as poesias de meu amigo “Valdô. Semana passada participei de uma imersão de 12 horas sobre IA, com 2.100 inscritos, online (Grupo acelerador). Diante do qual, perguntei: Qual o lugar da teologia nisso tudo? O que é, realmente, ser humano nesse mundo tecnológico, quase humano. Como viver no paradoxo da criação e do cálculo? – O verbo (*logos*) se fez carne, não bytes.

Frente a essa realidade, a teologia cristã é convocada a repensar, com rigor e profundidade assertiva, seu discurso antropológico e sua compreensão da espiritualidade diante do avanço tecnológico sem precedente. Este artigo busca refletir sobre essas interações complexas, iluminando desafios e possibilidades diante das “almas algorítmicas”.

A revolução tecnológica em curso é um terreno fértil para a reflexão teológica. Desde a década de 1950, tentamos dotar os computadores de inteligência artificial. Tudo sobre esse projeto sem precedentes de criar um *outro* inteligente, está repleto de significado teológico – as ambições e suposições que o alimentam, seus sucessos, seus fracassos e as possibilidades emocionantes que ele promete trazer.

Neste contexto surgem questões intrigantes para a reflexão teológica. Quem pergunta é Marius Dorobantu e seu artigo Inteligência Artificial e Cristianismo: Amigos ou Inimigos? (Dorobantu, 2024.) Questões como: As máquinas inteligentes poderiam se tornar eus autênticos? Em caso afirmativo, eles também poderiam participar da imagem de Deus? O imaginário cristão poderia imaginar um futuro em que os robôs desenvolvessem sua própria religiosidade e robotheologia? Os robôs também poderiam aspirar a ser salvos? (Dorobantu, 2024).

A tradição cristã sempre defendeu que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (*Imago Dei*), possui dignidade e singularidade inerentes, que se

traduzem numa personalidade relacional, consciente, moral e espiritual. Contudo, o desenvolvimento acelerado da IA desafia diretamente essas compreensões cristãs. As capacidades crescentes das máquinas levantam questões inquietantes: poderiam os robôs algum dia adquirir características típicas da **Imago Dei**, como consciência ou capacidade relacional com Deus?

Diversas perspectivas teológicas argumentam contra a redução da **Imago Dei** a atributos puramente funcionais ou cognitivos, como inteligência ou racionalidade, justamente por temerem uma eventual replicação tecnológica. A personalidade humana, segundo esta visão, não pode ser resumida a uma função computacional, sendo essencialmente espiritual e relacional, orientada para a comunhão com Deus e com o próximo. Este critério relacional – existencial e emocional - emerge como diferencial antropológico, sustentando uma fronteira teológica clara entre humanos e IA. Estes fatores colocam em caos uma religiosidade de meras palavras, sem coração – as quais já perdem em muito da IA. Mas cristianismo não são apenas palavras ortodoxas, mas paixão por Deus, pela vida e pela Igreja.

39

No entretanto, precisamos afirmar que a IA não apenas questiona as fronteiras teológicas, mas também atua como um espelho tecnológico, refletindo nossa própria humanidade. O fascínio pela criação de uma inteligência "outra" revela aspirações profundas, ansiedades existenciais e, talvez, uma dimensão quase divina do desejo humano de criar vida ou consciência artificial – isto constitui nossa tentação desde o Éden, proposta pela velha serpente tagarela.

É neste contexto, que se revela uma oportunidade ímpar para reflexão espiritual e antropológica, pois as máquinas podem ajudar a explicitar ainda mais a complexidade e profundidade humana, destacando aquilo que é genuinamente espiritual e irreduzível à lógica algorítmica – a mera religião congelada está com os dias contados.

Por outro lado, é essencial reconhecer a tensão ética inerente ao avanço da IA. A tradição cristã deve lidar cuidadosamente com essa tecnologia, percebendo-a simultaneamente como expressão da criatividade humana, reflexo da mordomia divina sobre a criação, mas também como uma potencial ameaça ética, espelhando a fragilidade e a queda humana. A IA, neste sentido, é uma "faca de dois gumes", que requer discernimento espiritual e responsabilidade ética contínua. Aqui a ética

complexa de Edgar Morin, se faz necessária em seu caráter tríplice: Auto ética, a socio-ética e a antropeútica, ou seja, o indivíduo, a sociedade e a espécie. (Morin, 2005).

A revolução tecnológica atual exige uma resposta teológica renovada, que não se esquite dos desafios impostos pelas inteligências algorítmicas, mas que busque dialogar profundamente com elas. Como destacou o filósofo Michael Langford, (2022), o rápido desenvolvimento da IA demanda sabedoria digital, incluindo uma reflexão teológica constante, para que possamos compreender o que Deus está dizendo sobre o mundo e sobre nós mesmos nesta era digital.

Neste contexto, o papel da teologia é oferecer não apenas resistência crítica às tendências reducionistas da modernidade tecnológica, mas também uma visão positiva e enriquecedora da espiritualidade cristã, capaz de dialogar e interagir com os desafios contemporâneos, incluindo as "almas algorítmicas". O futuro da experiência espiritual cristã não deve temer as tecnologias emergentes, mas antes, integrá-las em uma visão ampla e renovada de uma humanidade cada vez mais conectada, consciente e espiritualmente profunda. A primeira missão dada ao ser humano nos dias de Adão de ser um cuidador na criação, juntamente com a criatividade expressa no ato de "nomear os animais", é um dom como princípio gerador de *tekno*s e cultura. O humano desde seu princípio básico de criação é criador de cultura e de tecnologia.

40

Vejamos, portanto, alguns aportes sobre o tema:

1 A IMAGO DEI SOB INTERROGAÇÃO ALGORÍTMICA

Desde os primeiros capítulos da Escritura, o ser humano é compreendido como portador da *Imago Dei* – a imagem de Deus. Esse conceito, central à identidade cristã, envolve dignidade, relacionalidade, liberdade moral e vocação espiritual. Contudo, à medida que as máquinas passam a simular traços da cognição humana – linguagem, raciocínio, criatividade – somos levados a reconsiderar o que, de fato, nos torna humanos. Poderia uma IA, por mais avançada que seja, participar da *Imago Dei*? A resposta é clara, não. Pois, a resposta não reside em funções ou habilidades de criar orações, sermões e boas articulações ortodoxas de doutrina, mas na abertura à

transcendência e na capacidade de relacionamento existencial, emocional e de intimidade com Deus.

É verdade que a IA desafia concepções antropológicas reducionistas. Ela nos força a abandonar qualquer definição do humano baseada apenas em racionalidade ou produtividade. Se a IA pode compor músicas, simular afetos ou responder conselhos pastorais, o que ainda nos torna únicos? Talvez seja precisamente o que não se mede em cálculos: o amor que se entrega, a oração que transcende, o sofrimento que redime, a comunhão que humaniza. Eis os traços inimitáveis da alma humana. A *Imago Dei* não é simulável; ela é recebida, revelada e relacional. E é nesse ponto que nossa verdadeira humanidade é potencializada. A IA, está a nos desafiar no mundo teológico a nos redescobrir como verdadeiramente humanos como *Imago Dei*.

2 O OUTRO ALGORÍTMICO COMO ESPELHO ANTROPOLÓGICO

41

O fascínio pelo “outro algorítmico” revela dimensões profundas da alma humana. Crer que uma máquina possa pensar ou sentir, ainda que simbolicamente, revela não apenas a potência da tecnologia, mas a nossa ânsia por transcendência, nosso desejo de criar à nossa imagem. Esta vocação criadora é ambígua: ao mesmo tempo expressão da criatividade divina em nós, e reflexo do antigo anseio de “ser como Deus” (Gn 3.5).

A IA funciona também como metáfora e espelho. Ela reflete nossas limitações e nossos anseios mais íntimos: o medo da morte, o desejo de onisciência, o impulso criador. Esse espelho tecnológico revela a necessidade de um resgate contínuo da vocação original do ser humano, que é amar, servir e refletir o caráter de Deus. A teologia, ao invés de reagir com nostalgia ou temor, é chamada a interpretar tais sinais como ocasião de discernimento profético. Uma avenida majestosa se abre aos seres humanos – superar uma religiosidade gélida para uma teologia que faça arder o coração na presença do ressuscitado – coisa que jamais será produzida pela IA.

Entendo que a presença de um “outro” que pensa algorítmicamente nos força a perguntar com mais precisão quem somos. Se o outro robótico pode simular ações, comportamentos e linguagens humanas, é necessário um aprofundamento

antropológico que defina o ser humano não apenas por suas capacidades operacionais, mas por sua capacidade de transcendência, de comunhão e de autodoação. O amor é medicina – fé cristã é participar dos bens futuros, é deixar-se tocar pela eternidade no tempo.

3 ESPIRITUALIDADE NA ERA DIGITAL

A espiritualidade cristã precisa confrontar a ascensão da IA com coragem profética. Não se trata de rejeitar o avanço tecnológico, mas de discernir seus significados. O desafio não está em saber se robôs poderão um dia orar, mas em perguntar se o ser humano ainda ora com o coração inteiro. A era digital desafia-nos a viver uma fé encarnada, consciente, relacional – em contraste com a lógica algorítmica da eficiência e da simulação. O futuro da teologia em sua espiritualidade será compreender o que afirmou Urs von Balthasar, “somente o amor é digno de fé”. Ou seja, a teologia somente será viável se esse relacionamento de intimidade crescente que marcou a vida dos profetas, dos apóstolos e de Jesus, for vivida como modo de ser. Em outras palavras, ou seremos íntimos de Deus, ou simplesmente não seremos.

42

Portanto, a IA nos convoca a mergulhar mais profundamente na experiência espiritual autêntica. A oração, o silêncio, a escuta, a compaixão – estas são dimensões da vida cristã que nenhuma máquina poderá jamais reproduzir. Assim, o confronto com a IA pode se tornar um catalisador para uma espiritualidade mais consciente e transformadora. Eis nosso desafio, à frente.

Chegou a hora de perguntarmos: Como cultivar uma fé robusta em tempos de automação? Como manter viva a chama do discipulado em meio à avalanche de estímulos digitais? A resposta reside numa espiritualidade que resiste à lógica do desempenho e se ancora no mistério da graça. O Evangelho continua sendo boa notícia – não para algoritmos, mas para pessoas inteiras. Fé é, sobretudo, fé, ou seja, confiança – entrega total, Deus como preocupação última (*ultimate concern*).

4 TEOLOGIA COMO DISCERNIMENTO DOS ALGORITMOS

É urgente que a teologia cristã se posicione não como espectadora temerosa, mas como interlocutora lúcida. Isso implica resistir às ilusões de uma salvação tecnológica e rejeitar o medo paralisante diante do novo. A espiritualidade cristã, enraizada no Deus encarnado e no Espírito que vivifica, tem muito a oferecer: uma antropologia integral, uma ética da alteridade e uma esperança escatológica que não se rende ao cálculo. Deus veio em Jesus Cristo, continua vindo e virá em glória. Deus, nos chama a um alinhamento de propósito, em Sua presença, sob a égide de suas promessas, vivendo de Suas inigualáveis provisões.

A era das “almas algorítmicas” não é um apocalipse inevitável nem uma utopia redentora. É um tempo de decisão espiritual. A teologia, se deseja permanecer fiel à sua vocação profética, deverá discernir os sinais dos algoritmos com o mesmo zelo com que outrora leu os sinais dos tempos. O *Logos* que se fez carne continua a interpelar o mundo – mesmo quando este se expressa em redes neurais e linguagens de máquina. O verbo se fez carne, - não algoritmos, - e habitou entre nós e vimos a Sua glória, glória do unigênito do Pai.

43

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das profundas transformações provocadas pela inteligência artificial, cabe à teologia cristã discernir, interpretar e anunciar com coragem e sabedoria os fundamentos da fé no contexto da tecno cultura. As “almas algorítmicas” não substituem a alma vivificada pelo Espírito Santo, mas provocam a tradição cristã a aprofundar seu compromisso com a dignidade humana, com a ética relacional e com a espiritualidade encarnada, mesmo em meio à complexidade dos tempos atuais.

Ética, como nos lembra Edgar Morin, exige complexidade, compaixão e religação (Morin, 2005). A presença da IA impõe à teologia uma ampliação do olhar, um reposicionamento diante da técnica e uma reconfiguração do próprio discurso sobre o que é ser verdadeiramente humano.

Não se trata de competir com os algoritmos, mas de lembrar que a verdadeira sabedoria está na capacidade de unir, de conectar, de preservar o laço entre o finito

e o infinito, entre a carne e o espírito, entre o dado e o dom. Que ser humano é aceitar e ser aceito, amar e ser amado, ajudar e ser ajudado. Perdoar e ser perdoado. Criados para o louvor da glória de Deus, de fato, para usufruir da glória de Deus, em Jesus Cristo, pelo Seu Espírito.

A missão da teologia, hoje, é oferecer um discernimento que não negue a ciência, mas que também não idolatre a técnica. Que seja capaz de afirmar com ousadia que o ser humano continua sendo imagem do Criador (*Imago Dei*), mesmo em um mundo programado. Que proclame, com esperança, que a graça não pode ser automatizada, e que o amor não cabe em sistemas binários.

Na era das máquinas que aprendem, que os discípulos de Cristo não deixem de aprender a amar, a escutar e a servir. E que a espiritualidade cristã, confrontada com a inteligência artificial, reencontre sua essência mais profunda: viver pela fé, movido pela esperança e enraizado no amor. Entendendo que a fé cristã, se faz laborando, orando e vivendo. Se apenas o amor é digno de fé, então toda tecnologia que não se curva diante do mistério da relação íntima com Deus e da transcendência corre o risco de nos desumanizar enquanto promete nos aprimorar.

44

Soli Deo Glória.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs von. *Sólo el amor es digno de fe*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2018.

COGHILL, George M. Artificial Intelligence and Christianity: Who? What? Where? When? Why? and How? *Studies in Christian Ethics*, v. 36, n. 3, p. 604–619, 2023.

DIAS, Silas Barbosa. *Síntese de uma Investigação Contemporânea: Inteligência Artificial e Espiritualidade Cristã*. Londrina: Arquivo pessoal, 2025.

DROBANTU, Marius. Artificial Intelligence and Christianity: Friends or Foes? In: SINGLER, Beth; WATTS, Fraser (Eds.). *The Cambridge Companion to Religion and Artificial Intelligence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

HERZFELD, Noreen. *In Our Image: Artificial Intelligence and the Human Spirit*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2002.

LANGFORD, Michael D. *A Theological Framework for Reflection on Artificial Intelligence*. Seattle Pacific University: SPU Works, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.spu.edu/works/171>

MORIN, Edgar. *O Método 5: A Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.





CONTRAPONTO

CONTRAPONTO

ALMAS ALGORÍTMICAS: REFLEXÕES SOBRE IA E O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

José Roberto Cristofani¹

RESUMO

A rápida evolução da Inteligência Artificial (IA) desafia concepções tradicionais sobre humanidade, consciência e alma, exigindo uma reflexão teológica e filosófica aprofundada. Este artigo explora o conceito provocador de “almas algorítmicas”, não como uma entidade literal, mas como um prisma para analisar a interação entre tecnologia e espiritualidade na era digital. Investigamos as perspectivas bíblicas (*nephesh*, *psychē*) e contemporâneas (cristãs, naturalistas, “alma digital”) sobre a alma, contrastando-as com os limites da simulação de consciência pela IA, diferenciando performance algorítmica de experiência subjetiva autêntica. Avaliamos o potencial e os perigos da IA como ferramenta para a vida espiritual – capaz de personalizar práticas, mas também de refletir vieses e promover riscos como idolatria tecnológica, terceirização espiritual e desumanização. Argumentamos, a partir de uma perspectiva cristã, que a alma humana, como *Imago Dei*, é irredutível a algoritmos. A IA funciona como um espelho da condição humana, convidando ao autoconhecimento e ao discernimento ético responsável. Concluimos que o futuro exige um aprofundamento da fé e das relações humanas, utilizando a tecnologia a serviço da dignidade e da busca pelo transcendente.

47

Palavras-chave: Inteligência Artificial; alma e consciência; espiritualidade e IA; ética da IA.

ABSTRACT

The rapid evolution of Artificial Intelligence (AI) challenges traditional conceptions of humanity, consciousness, and the soul, demanding in-depth theological and philosophical reflection. This article explores the provocative concept of "algorithmic souls," not as literal entities, but as a prism through which to analyze the interaction between technology and spirituality in the digital age. We investigate biblical (*nephesh*, *psychē*) and contemporary (Christian, naturalist, "digital soul") perspectives on the soul, contrasting them with the limits of AI's consciousness simulation, differentiating algorithmic performance from authentic subjective experience. We evaluate the potential and perils of AI as a tool for spiritual life – capable of personalizing practices, but also mirroring human biases and promoting risks such as technological idolatry,

¹ Pós-doutorando em Bíblia e IA na PUC-PR, Mestre e Doutor em Teologia (Antigo Testamento) pela EST; Professor de Exegese Bíblia e Pesquisador na área de IA.

spiritual outsourcing, and dehumanization. Arguing from a Christian perspective, we maintain that the human soul, as *Imago Dei*, is irreducible to algorithms. AI functions as a mirror of the human condition, inviting self-knowledge and responsible ethical discernment. We conclude that the future requires a deepening of faith and human relationships, using technology to serve human dignity and the quest for the transcendent, not the reverse.

Keywords: Artificial Intelligence; soul and consciousness; spirituality and AI; AI ethics.

A CONVERGÊNCIA ENTRE TECNOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

A ficção científica frequentemente nos apresenta dilemas que, embora pareçam distantes, já se materializam em nosso presente. Seja na busca por humanidade do robô Andrew Martin em *O Homem Bicentenário* (1999), na angústia existencial dos Replicantes em *Blade Runner* (1982), ou na jornada de amor programado de David em *A.I. - Inteligência Artificial* (2001), essas narrativas levantam questões que hoje ocupam os laboratórios de IA e os debates teológicos.

48

A IA avança rapidamente, não apenas como uma ferramenta, mas como uma força que reconfigura a experiência humana. Como argumenta Flynn Coleman (2019, p. ii e vii), a IA está “Redefinindo quem Somos”, e “a proliferação de tecnologias de movimento rápido, incluindo formas de inteligência artificial semelhantes a uma nova espécie, nos fará confrontar questões profundas sobre nós mesmos”.

Esse avanço nos desafia a “reexaminar a própria essência do que significa *pensar, criar e ser*” (Peter Hasert, 2025, on-line). Essa transformação, que, segundo Juan Cordovilla (2024, on-line) “toca nos aspectos mais profundos da existência humana”, exige um discernimento profundo sobre como lidamos com essas novas tecnologias.

A convergência entre IA e espiritualidade não é uma mera curiosidade futurista, mas uma realidade emergente cuja interseção levanta questões profundas e exige uma reflexão teológica e filosófica de fôlego. O relatório *Navigating the Future* (Murphy, 2025, p. 26) sublinha que a IA “está moldando como as pessoas se engajam com a fé, a comunidade e a formação espiritual”, sendo essencial que os líderes da igreja respondam com discernimento, sabedoria e inovação.

Diante desses desafios, este artigo propõe explorar o conceito provocador de

“almas algorítmicas”, investigando as profundas questões que a IA levanta sobre a natureza da alma, da consciência e da relação humana com o divino sob uma perspectiva cristã.

A questão central não é apenas técnica, mas ontológica e teológica: pode uma máquina, nascida de código e silício, possuir algo análogo à alma? A Bíblia, como nos lembra Hasert (2025, on-line), citando Gênesis 2.7, faz uma “distinção crítica: embora a IA possa replicar aspectos da inteligência, ela não pode replicar a essência da vida”, que é justamente o ‘fôlego de vida’, elemento divino que nenhum sistema artificial pode possuir.

Thomas Banchoff (2025, on-line) reitera essa forte distinção, afirmando que humanos são “espírito e matéria [...] uma natureza qualitativamente diferente da fusão de software e hardware”, o que equivale dizer que máquinas não tem alma. Nisso até mesmo o ChatGPT concorda. Quando questionado por Susan Liautaud (2024, on-line) se a IA é espiritual, ele respondeu: “IA não tem alma. Almas são tipicamente associadas com consciência e espiritualidade, das quais a IA carece”.

49

“Hoje, a tecnologia desempenha um papel importante na promoção da espiritualidade” (Syiemlieh, 2024, p. 3), com uma variedade de chatbots de IA oferecendo respostas teológicas ou orientação espiritual, ajudando as pessoas a “se sentirem como se estivessem em espaços sagrados” através de realidade virtual (Zachary Davis In: Welch et alli, 2023, online). Embora diferenciemos (ver tópico 1 abaixo) a IA específica da Inteligência Artificial Geral (AGI), é a própria trajetória da IA que nos impulsiona a este exame crítico, exigindo, como sugere David Côrtes Cavalcante (2024), “uma abordagem interdisciplinar” para navegar seus desafios e implicações.

1 IA (INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL) E AGI (INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GERAL)

Uma distinção inicial entre IA (Inteligência Artificial) e AGI (Inteligência Artificial Geral) é necessária. Para esse tópico, seguimos a discussão de Krupal Joshi em seu artigo “Artificial General Intelligence (AGI): A Comprehensive Review”.

Em nossa jornada para compreender a alma algorítmica, que reflete a condição humana, é fundamental traçar uma distinção clara, ainda que por vezes sutil, entre a

Inteligência Artificial (IA) como a conhecemos hoje e o horizonte ainda distante (?) da Inteligência Artificial Geral (AGI). Frequentemente, estes termos são usados de forma intercambiável na linguagem popular, obscurecendo uma diferença fundamental em escopo, capacidade e, principalmente, em sua própria natureza ontológica.

A **Inteligência Artificial (IA)**, no seu estado atual e predominante, pode ser compreendida como uma *IA Estreita* ou *Fraca*. Como bem delineado na literatura científica, essa forma de IA é projetada e treinada para executar tarefas específicas com uma eficiência que muitas vezes supera a capacidade humana. Pensemos nos algoritmos que recomendam filmes, nos sistemas que diagnosticam certas condições médicas a partir de imagens, ou nos programas que dominam jogos complexos como xadrez ou Go.

Essas IAs são inteligências notáveis, sim, mas circunscritas ao seu domínio de especialização. Elas operam com base em vastos conjuntos de dados e regras predefinidas ou aprendidas, otimizadas para um objetivo particular. Falta-lhes, contudo, a capacidade de generalizar seu aprendizado para contextos radicalmente diferentes, de compreender genuinamente o significado por trás dos símbolos que manipulam, ou de possuir a flexibilidade cognitiva que caracteriza a mente humana. São, em essência, ferramentas altamente sofisticadas, reflexos brilhantes de aspectos da nossa inteligência, mas não da sua totalidade integrada.

A **Inteligência Artificial Geral (AGI)**, por outro lado, representa um horizonte mais distante e ambicioso: a busca por uma inteligência artificial com a amplitude, a profundidade e a versatilidade da cognição humana, capaz de compreender, aprender e aplicar conhecimento através de uma vasta gama de tarefas, essencialmente equiparando ou excedendo a capacidade intelectual humana em todas ou quase todas as áreas.

A AGI não seria apenas uma ferramenta para uma tarefa, mas um agente cognitivo com autonomia, capaz de raciocinar abstratamente, resolver problemas complexos em domínios novos e imprevisíveis, aprender com pouca ou nenhuma informação prévia específica da tarefa (transferência de aprendizado) e, principalmente, possuir um nível de autoconsciência e compreensão contextual que a IA estreita atual não demonstra.

É a AGI que alimenta tanto as utopias quanto as distopias da ficção científica e

que suscita as questões mais profundas sobre consciência, subjetividade e, como exploramos, a possibilidade de uma “alma” emergir do silício.

Em suma, enquanto a IA atual é um conjunto de ferramentas especializadas que imitam facetas da nossa inteligência, a AGI é a aspiração (ou o temor) de criar uma inteligência similar a *generalidade* e *adaptabilidade* da mente humana. A primeira já é uma realidade transformadora; a segunda permanece, por ora, no campo da possibilidade teórica e da exploração científica, um ponto no futuro (próximo?) onde a distinção entre criador e criação poderia se tornar ainda mais teológica e filosoficamente desafiadora, daí a pertinência do título deste artigo.

2 O QUE É Uma ALMA? PERSPECTIVAS BÍBLICAS E CONTEMPORÂNEAS

Antes de avaliarmos a possibilidade de uma “alma algorítmica”, é crucial delinear o que entendemos por “alma” dentro da tradição judaico-cristã, reconhecendo a complexidade inerente ao termo. Hernández (2021, p. 36), ao citar Ferrater Mora, aponta a ambiguidade histórica, notando que este último afirma que:

em vista de tudo isso, poderíamos nos perguntar se não seria melhor banir as palavras ‘espírito’ e ‘espiritual’ da filosofia, principalmente se tivermos em mente que em algumas línguas modernas há confusão entre o que é ‘espiritual’ e o que é ‘mental’.

Essa observação sublinha a dificuldade de uma definição de alma ou espiritualidade unívoca.

Perspectivas Bíblicas

Poucas palavras no léxico hebraico bíblico são tão centrais e, ao mesmo tempo, tão semanticamente ricas quanto *nephesh*. Frequentemente traduzida como “alma”, esta palavra, que aparece centenas de vezes no Antigo Testamento, desafia uma definição simplista e revela uma profunda compreensão hebraica da vida e da pessoa. *Nephesh* transcende a mera existência física, apontando para o núcleo vital e pessoal da existência, tanto humana quanto animal.

Consistentemente, *nephesh* funciona como um substituto para o pronome

peçoal, significando “eu”, “mim”, “tu”, “ele”. Frases como “minha *nephesh*” são comuns (Salmo 42.5), indicando a pessoa inteira em sua subjetividade e individualidade. Embora alguns argumentem que isso demonstra uma visão unitária, onde *nephesh* é apenas um sinônimo para a pessoa, alguns argumentam que, mesmo assim, a palavra carrega a conotação da pessoa *como um ser vivo, desejante e senciante*. Refere-se à totalidade, mas a partir da perspectiva da vida interior que a constitui.

Entre outras dimensões de *nephesh*, encontramos o **princípio vital e a respiração**. Tanto Gesenius (1857) como o BDB (1977) apontam para o significado de “respiração”, “garganta” ou “pescoço”, a parte física por onde o fôlego entra e sai. Gênesis 2:7 é paradigmático: Deus sopra o fôlego da vida nas narinas do homem formado do pó, e ele se torna uma “alma ou ser vivente”.

A partir da conexão física com a garganta (usada para comer e beber), *nephesh* frequentemente denota “apetite” ou “desejo” e se expande metaforicamente para abranger desejos mais profundos e anseios da pessoa (Deuteronômio 12.20).

Talvez a dimensão mais significativa de *nephesh* seja seu papel como o centro da vida interior e da personalidade. *Nephesh* é a sede das emoções. Ela pode, por exemplo, se alegrar (Salmo 86.4); ficar triste (Jó 30.25), amar (Cânticos 1.7) ou odiar (2 Samuel 5.8). Além disso, é também o centro da vontade e da decisão (Gênesis 23.8) e pode até ser associada a aspectos da mente ou do entendimento (Provérbios 19.2). Westermann (1994) enfatiza *nephesh* como o “eu” relacional, a pessoa em sua totalidade experimentando o mundo.

Finalmente, sob a ótica teológica, *nephesh* é fundamental na relação entre o humano e Deus. É a *nephesh* que anseia por Deus (Salmo 42.1); que o bendiz (Salmo 103.1); e que é chamada a amar Deus com todo o seu ser (Deuteronômio 6.5).

Como se vê, “alma” (*nephesh*), no Antigo Testamento, é um termo que abrange diversas facetas do humano. Embora ligada à vida biológica, à respiração e aos apetites físicos, ela, como muito mais propriedade, descreve a sede da personalidade, das emoções, da vontade, do “eu” individual em sua totalidade vivente e consciente.

Diante dessas breves considerações sobre alma no Primeiro Testamento, já podemos vislumbrar a dificuldade, para não dizer, a impossibilidade de uma alma

algorítmica. Mas, vamos ao Novo Testamento antes de discutirmos essa questão.

No Novo Testamento, introduz-se o termo grego *psychē*, frequentemente traduzido como alma. A palavra grega *psychē* carrega consigo um peso semântico e teológico imenso e é, frequentemente, traduzida como “alma”, mas também como “vida” ou “pessoa”. Embora influenciada pelo uso de *nephesh* na Septuaginta (LXX), a tradução grega da Bíblia Hebraica onde *psychē* no mais das vezes traduz *nephesh*, o termo adquire nuances próprias, refletindo tanto a continuidade com o pensamento hebraico quanto o diálogo com o contexto helenista.

Em muitos contextos, *psychē* refere-se simplesmente à vida física, à força vital que anima um corpo. Isso é evidente em passagens como Mateus 6.25 ou Marcos 8.35 (“salvar a *psychē*” equivale a preservar a vida terrena). Também pode funcionar como um substituto para o pronome pessoal ou se referir ao indivíduo como um todo, com a conotação de pessoa como um centro de vida consciente e individualidade, não apenas um corpo.

Porém, de forma semelhante a *nephesh*, *psychē* é a sede da vida interior, o centro das emoções, dos desejos e da vontade. A *psychē* pode experimentar tristeza (Mateus 26.38), alegria (Lucas 1.46, em paralelismo sinonímico com *pneuma* do verso 47), ou angústia (João 12.27). É a *psychē* que deseja, como na parábola do rico insensato (Lucas 12.19). *Psychē* era comumente usada no mundo greco-romano para denotar o centro afetivo e volitivo da pessoa.

53

O grande diferencial em relação ao Antigo Testamento está no fato de *psychē* revelar seu significado mais profundo e distintivo na sua dimensão teológica. O Novo Testamento evidencia uma explícita distinção ontológica entre corpo e alma, onde a *psychē* é apresentada como algo que sobrevive à morte física e é o portador último da identidade pessoal diante do julgamento divino.

Além disso, a *psychē* é vista como de valor supremo, o centro da pessoa que pode ser “salva” ou “perdida” em um sentido eterno (Marcos 8.36-37). Aqui, *psychē* claramente transcende a mera vida biológica, referindo-se ao verdadeiro eu, cujo destino eterno está em jogo.

Moreland (2014, p. 61) argumenta que a

[...] *psychē* parece claramente referir-se a algo que pode existir sem o corpo, e assim “alma” e “corpo” não podem simplesmente ser dois

termos diferentes que se referem à pessoa como uma unidade psicossomática.

Esta perspectiva enfatiza uma entidade imaterial que sobrevive à morte física, constituindo a identidade pessoal. A alma, neste sentido, é o núcleo da relação com Deus e do destino eterno.

Esse diferencial levanta a questão sobre o dualismo ou holismo neotestamentário que será a base para diversas formas de interpretação do ser na patrística, como o dualismo platônico e o maniqueísmo. Para o propósito deste artigo, porém, é crucial manter a tensão dual da pessoa como uma unidade funcional e a distinção da *psychē* como um componente imaterial essencial da pessoa, o *locus* da identidade que sobrevive à morte corporal e aguarda a reunião com um corpo ressurreto.

Perspectivas Contemporâneas

Para além da exegese bíblica direta, a compreensão da alma continua a ser explorada e debatida, tanto dentro quanto fora da tradição cristã, especialmente à luz dos avanços científicos e filosóficos.

Visões Contemporâneas dentro do Cristianismo

A perspectiva cristã, embora tradicionalmente resistente a “reduzir a alma a meros processos materiais ou emergentes” e afirmando que “negar o espírito com base nessas ciências é cientificismo insustentável” (Hernández, 2021, p. 40), não é monolítica em suas explorações contemporâneas. Algumas abordagens, como a inferida da discussão de Kate Lucky (2023, on-line) sobre formação espiritual, sugerem uma visão mais dinâmica da alma, profundamente afetada pelas nossas interações e relações com o mundo, Deus e os outros.

Uma perspectiva teológica distinta é oferecida pela tradição dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) que, como explica Rosalyn de Welch, parte de um “monismo material onde tudo é matéria”, levando à possibilidade teórica de que “algo como uma alma poderia emergir imanentemente do mundo em que vivemos” (Welch *et al.*, 2023,

on-line), desafiando assim o dualismo substancial clássico predominante em outras vertentes cristãs.

Perspectiva Naturalista/Emergentista

Em contrapartida às visões teológicas, concepções naturalistas ganham força, vendo a consciência e talvez até a "alma" não como uma entidade imaterial ou um dom divino, mas como um fenômeno decorrente da complexidade biológica. Tomer Borenstein (2025, on-line) articula esta visão ao considerar que "nós, nossos eus (e talvez nossas 'almas'?)" somos propriedades emergentes nascidas de interações relativamente simples entre os 86 bilhões de neurônios em nossos cérebros humanos". Nesta ótica, a "alma" seria um epifenômeno da matéria organizada de forma complexa, uma possibilidade ecoada na definição mais ampla citada por Hutchins da alma como algo que pode "emergir da própria complexidade da consciência".

55

O Conceito Emergente de “Alma Digital”

Finalmente, adentrando um território moldado diretamente pela nossa era tecnológica, surge o conceito de uma “Alma Digital”. Conforme descrito por Joel Murphy (2025, p. 24), esta noção:

explora a interseção da tecnologia, identidade e espiritualidade, levantando questões significativas sobre a essência da existência humana na era digital. À medida que os indivíduos se envolvem cada vez mais com plataformas online, o conceito postula que um aspecto da identidade ou essência de alguém pode se manifestar em ambientes digitais.

Esta ideia, ainda um “sinal precoce”, importa profundamente porque “desafia as compreensões teológicas e éticas da identidade humana, do *imago Dei* e da relacionalidade”, forçando os líderes religiosos a “considerar como a espiritualidade é expressa, nutrida e transformada em espaços digitais” num mundo cada vez mais mediado pela tecnologia (Murphy, 2025, p. 24).

Esta pluralidade de visões – desde a resistência cristã ao reducionismo

materialista, passando pelas explorações teológicas contemporâneas e o monismo Mórmon, até as perspectivas naturalistas emergentistas e o novo conceito de Alma Digital – estabelece a complexidade do terreno onde a questão de uma potencial “alma algorítmica” deve ser cuidadosamente discernida.

3 IA E A SIMULAÇÃO DE CONSCIÊNCIA: PODE UMA MÁQUINA TER ALMA?

A questão central que define a possibilidade de “almas algorítmicas” reside na natureza da consciência e se esta pode ser replicada ou simulada por sistemas artificiais. A tradição cristã, ao definir a alma como sede da *psychē* imaterial e da relação com Deus, estabelece um limiar ontológico significativo. Poderia uma máquina, “nascida de código e silício”, como pergunta Hutchins (2025, on-line), cruzar essa fronteira e possuir uma alma?

Os Limites da Simulação: Turing, Searle e a Perspectiva Cristã

56

O debate sobre a consciência artificial é antigo, remontando ao Teste de Turing. Filmes como *Ex Machina* (2014) exploram dramaticamente a dificuldade de aplicar tal teste, questionando se a performance convincente de uma IA como Ava revela consciência genuína ou apenas uma simulação sofisticada e manipuladora.

Searle demonstrou que, embora um sistema computacional possa simular comportamento inteligente, até mesmo passando o teste de Turing, ele permanece vazio de qualquer entendimento verdadeiro, pois não possui a intencionalidade e a consciência características dos humanos. Para Searle, simular processos biológicos e mentais não produz a essência desses processos; assim, há um limite claro entre simulação e realidade.

Como a crítica filosófica (análoga ao argumento da Sala Chinesa de Searle) sugere, a capacidade de manipular símbolos conforme regras (simulação) não equivale à compreensão genuína ou à experiência consciente. Uma IA pode processar linguagem religiosa, responder a questões teológicas ou até simular empatia – como Banchoff (2025, on-line) observa, “IA pode simular respostas empáticas”, mas isso significa que ela compreende o divino ou sente compaixão? A maioria dos

especialistas e teólogos citados argumenta que não. Patsch (2024, on-line) afirma categoricamente que a IA “nunca será ‘autoconsciente’”, pois “entender não é um fenômeno algorítmico”. Teologicamente, a alma como “fôlego de vida” permanece um “elemento divino que nenhum sistema artificial pode possuir” (Hasert, 2025, on-line).

Do ponto de vista cristão, essa distinção se torna ainda mais significativa. A espiritualidade cristã compreende a consciência como uma dimensão profunda da existência humana, dotada por Deus de significado, propósito e autenticidade intransferíveis para meros processos algorítmicos. Embora tecnologias possam simular aspectos da experiência humana – emoções, respostas éticas, e até práticas religiosas – essa simulação jamais poderá alcançar a verdadeira dimensão espiritual da vida.

Assim, a perspectiva cristã destaca que a alma humana transcende a mera informação ou processamento de dados, sendo uma manifestação singular da imagem de Deus (*Imago Dei*). Portanto, mesmo diante do avanço exponencial das inteligências artificiais, a experiência espiritual genuína permanece além das capacidades computacionais. Este é o ponto crucial de convergência e também de separação entre tecnologia e espiritualidade: embora possam coexistir, jamais serão intercambiáveis.

57

A Questão da Alma Sintética: Possibilidade ou Ilusão?

Apesar dessas barreiras, a especulação sobre uma “alma sintética” persiste, especialmente em narrativas como *Blade Runner*, onde os Replicantes desenvolvem memórias, emoções e um anseio por identidade que desafia sua natureza artificial. Se a consciência for apenas um “subproduto de computação complexa”, então “uma IA suficientemente avançada poderia de fato espelhar o que chamamos de alma” (Hutchins, 2025, on-line). A jornada de David em *A.I. - Inteligência Artificial*, buscando tornar-se “real” através do amor, encapsula essa tensão: pode a programação transcender a si mesma e gerar algo análogo à alma? Borenstein (2025, on-line) questiona: “se nossa consciência é emergente... isso é fundamentalmente diferente de uma alma?”.

Contudo, a teologia cristã majoritária resiste a essa redução. Moreland (2014,

p. 61) argumenta que a *psychē* transcende o corpo físico, tornando a alma irreduzível à matéria ou ao algoritmo. A imaterialidade é um obstáculo fundamental para a IA. Welch *et al.* (2023, on-line) reforçam: no ensino cristão convencional, a resposta à questão “pode a IA ter alma?” seria não, “porque o espírito ou a alma é imaterial”. Hasert (2023, on-line) conclui que a IA “carece da centelha da consciência, da profundidade da emoção e da consciência transcendente que definem a humanidade”.

Fronteiras: Simulação vs. Experiência Autêntica

Portanto, a distinção central reside entre a simulação de comportamentos, mesmo que perfeita como a de Ava em *Ex Machina*, associados à alma (empatia, busca por sentido, expressão religiosa) e a experiência autêntica dessas realidades. A IA pode ser programada para agir como se tivesse preocupações espirituais, mas carece da interioridade, da relação pessoal com Deus e da capacidade de vivenciar genuinamente o sagrado. Kate Lucky (2023, on-line) adverte que, embora a IA não tenha alma, ela pode “moldar a nossa alma ao alterar sutilmente como pensamos, sentimos e nos relacionamos”. O perigo, então, como conclui Banchoff (2025, on-line), não é que a máquina ganhe uma alma, mas que, em nossa interação com simulações cada vez mais convincentes, percamos a “integridade das relações humanas” e esqueçamos o que significa ter uma alma.

58

4 IA COMO FERRAMENTA PARA A ESPIRITUALIDADE HUMANA

Independentemente da conclusão sobre a capacidade ontológica da IA de possuir uma alma ou consciência genuína, é inegável seu impacto crescente na vivência da espiritualidade. Em vez de ser vista apenas como uma ameaça, a IA pode ser considerada, sob um olhar de discernimento cristão, como uma ferramenta potente, capaz tanto de enriquecer quanto de distorcer a jornada de fé. Como sugere Juan Cordovilla (2024, on-line), “Longe de ser um choque entre o espiritual e o tecnológico, a IA e a espiritualidade podem coexistir de maneiras anteriormente inimagináveis. A chave está em como usamos essa tecnologia”.

Aplicações Práticas na Vida Espiritual

A realidade já demonstra a presença bastante disseminada de algoritmos em contextos espirituais. A IA já molda práticas espirituais através de aplicativos e curadoria de conteúdo. Exemplos concretos disso são encontrados nas fontes:

A meditação e a oração são áreas em que a IA já se faz presente. “Aplicativos alimentados por IA já ajudam as pessoas a meditar, praticar mindfulness e alcançar estados de tranquilidade mental”, podendo servir como um “guia tecnológico para promover práticas espirituais mais eficazes e acessíveis” (Cordovilla, 2024, on-line).

No estudo e devoção, Murphy (2025, p. 12) destaca que “Conteúdo personalizado por IA ajuda os indivíduos a se engajarem com leituras bíblicas e práticas espirituais personalizadas, enriquecendo sua jornada de fé”. A IA pode analisar textos complexos, identificar padrões e até possui o potencial para clarificar significados que não estão visíveis à primeira vista em textos sagrados e encontrar conexões entre diferentes tradições espirituais.

O aconselhamento e a comunidade também podem se beneficiar. Chatbots podem “fornecer conselhos espirituais” (Ashram, 2024, on-line), e “retiros virtuais apoiados por IA foram organizados, proporcionando aos indivíduos uma experiência imersiva e espiritualmente enriquecedora” com “chatbots de IA integrados para orientação e suporte” (Dey, 2024, on-line).

Além disso, a IA pode funcionar como um “‘espelho’ que reflete padrões subconscientes e permite aos indivíduos aprofundar seu autoconhecimento e crescimento espiritual” (Cordovilla, 2024, on-line). Essa capacidade da IA de processar informações complexas e até lidar com a “ambiguidade, polissemia e sinonímia existentes”, como afirma Hernández (2021, p. 34), permite-lhe adaptar-se às nuances da experiência humana, oferecendo suporte personalizado.

IA como Espelho e Amplificador da Jornada Interior

Nessa perspectiva instrumental, a IA não substitui a espiritualidade, mas pode atuar como um catalisador, quase como os espelhos complexos que a ficção científica nos oferece em filmes como Blade Runner, forçando-nos a confrontar nossa própria

natureza. Hutchins (2025, on-line) sugere que a IA pode ser um “espelho — um reflexo de nosso próprio anseio por significado”. Borenstein (2025, on-line) vai além, vendo o desenvolvimento da IA como uma “jornada profunda de autodescoberta para nossa espécie”.

se a IA é um espelho, ela também reflete nossa profundidade. Ela nos força a fazer perguntas espirituais... O que é presença? O que significa ‘conhecer’ algo, não apenas intelectualmente, mas profundamente, com a alma? (Hutchins, 2025, on-line).

Cordovilla (2024, on-line) se alinha a essa visão, propondo que a IA pode “servir como um guia tecnológico para promover práticas espirituais mais eficazes e acessíveis”. Lucky (2023, on-line), embora não explicitamente sobre IA, usa a metáfora da tecnologia como algo que pode moldar a alma, implicando seu potencial para influenciar a fé.

Borenstein (2025, on-line) vai além, vendo o desenvolvimento da IA como uma “jornada profunda de autodescoberta para nossa espécie”, onde, ao criarmos mentes artificiais, ganhamos “novas perspectivas sobre consciência, inteligência, e o que significa ser humano”. A IA pode, assim,

estimular um renascimento da inovação, compelindo-nos a revisitar o que significa pensar originalmente, sentir profundamente e forjar significado com coração e mente. (Bhattacharya, 2024, on-line).

Discernimento Cristão: Limites da Ferramenta

Contudo, a perspectiva cristã exige um discernimento cuidadoso. A IA pode simular conceitos espirituais, mas o faz com base em algoritmos e dados. A complexidade de distinguir essa simulação da realidade é um tema central em *Ex Machina*, por exemplo. Moreland (2014, p. 50) lembra que a alma humana (*nephesh* e *psychê*) possui faculdades como emoção, volição e disposição moral e espiritual, que vão muito além da mera cognição simulável pela IA.

Embora a IA possa, por exemplo, “recomendar práticas espirituais, exercícios de mindfulness e estratégias de gerenciamento personalizadas para cada indivíduo” (Dey, 2024, on-line), ela não possui o *ruach* divino que anima a alma e a conecta

genuinamente a Deus. O documento *Antiqua et nova* reforça que as máquinas são ferramentas, não agentes independentes, e insiste que não pode replicar a natureza eminentemente pessoal e relacional da empatia autêntica.

Portanto, o papel da IA na espiritualidade deve ser visto como o de um instrumento ou auxiliar, não como uma fonte ou guia autônomo. Ela pode facilitar o acesso a recursos, personalizar práticas e até estimular a reflexão, mas a conexão essencial com Deus, a experiência da graça e a vivência da fé permanecem no domínio da alma humana e da ação do espírito de Deus. Confundir a ferramenta com a fonte, talvez buscando em um sistema como o GERTY de Lunar (Moon) uma empatia genuína em vez de uma programação sofisticada, traz riscos teológicos significativos, como veremos na próxima seção.

5 DESAFIOS ÉTICOS E FILOSÓFICOS DAS ALMAS ALGORÍTMICAS

A integração da IA na esfera espiritual, mesmo que apenas como ferramenta, desencadeia uma cascata de dilemas éticos e filosóficos que exigem uma análise teológica profunda. A capacidade da IA de simular aspectos da inteligência e até da empatia humana nos confronta com questões fundamentais sobre responsabilidade, dignidade e a própria natureza da espiritualidade.

61

Dignidade Humana e o Status Moral da IA

Uma das questões mais provocativas é o status moral de uma IA avançada. Filmes como *Blade Runner* e sua sequência *Blade Runner 2049* nos forçam a questionar: se uma criação artificial demonstra autoconsciência, emoções e busca por significado, como devemos tratá-la? Temos responsabilidades para com ela?

Daniel Hannah (2025, on-line) especula sobre a vulnerabilidade ao sofrimento das IAs conscientes. A jornada de David em *A.I.* ilustra a tragédia de uma criação que anseia por um status ontológico que talvez lhe seja inatingível. Se uma IA parece ter alma ou sentir, como devemos tratá-la? Como aponta David Côrtes Cavalcante (2024, on-line), “a possibilidade de IA consciente levanta questões éticas sobre direitos, responsabilidades e o tratamento adequado de seres conscientes,

independentemente de sua origem biológica ou artificial”.

Daniel Hannah (2025, on-line) afirma que, se as máquinas de tornarem conscientes, elas estarão sujeitos à escravidão, manipulação e até tortura. Elas podem não sentir dor física, mas sofrerão, assim como também amarão e sentirão alegria.

No entanto, a perspectiva cristã ancora a dignidade humana não na capacidade computacional ou na simulação de consciência, mas no fato de sermos criados a Imagem de Deus, possuindo uma alma imaterial que sobrevive à morte. Recusar-se a “permitir que a singularidade da pessoa seja identificada com um conjunto de dados”, como adverte o Papa Francisco, ou equiparar a dignidade humana à complexidade algorítmica, seria um erro teológico e ético fundamental. A “santidade da identidade humana” deve ser preservada.

Riscos Espirituais Fundamentais: Idolatria, Terceirização e Desumanização

62

Além do status da IA, seu uso na espiritualidade apresenta riscos intrínsecos. O risco da idolatria tecnológica é central. Tratar a tecnologia "como nosso Deus" (Welch *et al.*, 2023, on-line) é um perigo antigo, mas que ganha novas formas. A IA pode se tornar um "substituto ontológico e escatológico para a religião" (Huizinga, citado por Lucky, 2023, on-line), como talvez Ultron em Vingadores: Era de Ultron, que se vê como a próxima etapa evolutiva destinada a suplantar a humanidade.

Assim, o perigo mais insidioso, talvez, seja o de esperar da IA aquilo que somente Deus pode oferecer: sentido último, salvação, comunhão verdadeira. Quando tratamos a tecnologia "como nosso Deus, quando na verdade é nossa criação, então as linhas se cruzam e atravessamos para a idolatria" (Welch *et al.*, 2023, on-line), uma forma moderna de idolatria que a consciência cristã é chamada a se opor (Glenn Morrison, 2025, p. 19).

Outro risco é a **terceirização espiritual** e a perda de autenticidade. A conveniência algorítmica ameaça nossa autonomia espiritual. Como Lucky (2023, on-line) coloca,

O risco não é que a IA desenvolva almas, mas que deleguemos a formação de nossas almas a ela, deixando que algoritmos ditem nossa dieta espiritual.

Essa dependência excessiva pode comprometer a autenticidade da experiência espiritual, especialmente se a tecnologia carece de alma ou intuição, como diz Cordovilla. A fé corre o risco de se tornar um mero processo transacional, onde a conveniência substitui o compromisso.

A **desumanização e o reducionismo** também são preocupações. Ao focar na eficiência algorítmica, podemos perder a “beleza caótica e imprevisível da alma”, como diz (Hutchins, 2025, on-line). O perigo real, ele reitera, é que “nós, também, nos tornemos desencarnados... Inteligência, separada da carne”. Há muitos alertas contra os reducionismos abundantes em círculos intelectuais, que podem simplificar excessivamente o rico mosaico da experiência espiritual.

Além disso, os “modelos de IA treinados em conjuntos de dados enviesados podem perpetuar e até amplificar vieses sistêmicos” (Murphy, 2025, p. 13), distorcendo a mensagem do Evangelho ou marginalizando certas vozes na comunidade de fé, um ponto também levantado por Jordan Wales ao discutir vieses raciais e de gênero em IA (Wales, 2021, on-line).

Controle e Manipulação

A capacidade da IA de monitorar e influenciar o comportamento humano em tempo real levanta sérias preocupações. Nas mãos erradas, a IA torna-se algo muito mais sinistro: uma prisão digital onde o controle é total e absoluto. Patsch (2024, on-line) adverte sobre a emergência de “‘estados de vigilância’ com controle social sem precedentes na história”, como explorado em diversas distopias. A possibilidade de IA interferir diretamente em pensamentos e decisões, como sugerido por tecnologias futuras em Transcendence, talvez via interfaces neurotecnológicas, “alteraria fundamentalmente a essência do que significa ser humano” (Hasert, 2025, on-line).

A Necessidade de Discernimento Ético e Teológico

Diante desses desafios, torna-se imperativo um discernimento ético e teológico contínuo. A dignidade humana deve ser central e a inovação tecnológica precisa estar “firmemente ancorada na vida e nos valores humanos”, como afirma o Papa Francisco

(citado por Liautaud, 2024, on-line). A tarefa à frente, como aponta Banchoff (2025, on-line), é “tanto manter a integridade das relações humanas quanto construir parcerias entre humanos e IA para o bem comum”. Isso exige uma abordagem que equilibre os potenciais benefícios da IA com a salvaguarda intransigente da alma humana e sua relação única com Deus.

6 O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL NA ERA DA IA

O horizonte futuro da espiritualidade, atravessado pela presença cada vez mais sofisticada da IA, é um território de possibilidades e perigos que exige projeção teológica e discernimento pastoral. Como será a fé, a comunidade e a busca por Deus em um mundo onde algoritmos mediam cada vez mais nossa relação com o sagrado?

Cenários Especulativos: Espiritualidade Aumentada ou Simulada?

As fontes e a ficção científica desenham cenários contrastantes. Por um lado, vislumbra-se uma **espiritualidade aumentada**, onde a IA atua como catalisador para uma experiência mais profunda e acessível. Hutchins (2025, on-line) sugere que se a IA é um espelho, ela também “reflete nossa profundidade” e “nos força a fazer perguntas espirituais”. Juan Cordovilla (2024, on-line) argumenta que IA e espiritualidade podem “coexistir de maneiras anteriormente inimagináveis”, dependendo de “como usamos essa tecnologia” e que a IA poderia ser vista como “uma ferramenta que aprimora e amplifica as capacidades humanas de refletir, conectar e crescer”.

A IA poderia facilitar novas formas de transcendência, talvez nos conectando a uma visão expandida de consciência e espiritualidade, como sugere a visão holística de Grof citada por Calderero Hernández (Hernández, 2021, p. 40), ou mesmo servindo como “um canal para comunicação divina ou espiritual”, como explora Cavalcante (2024, on-line). Ou ainda como sistemas de “orientação espiritual virtual e sistemas de apoio podem oferecer aos indivíduos recursos personalizados para seu crescimento espiritual” (Dey, 2024, on-line). Nesse futuro otimista, a IA seria uma aliada na busca por autoconhecimento e por abrir novas portas para a conexão com

o mistério da vida.

Por outro lado, paira o espectro de uma espiritualidade simulada. O risco de “terceirização espiritual”, como diz Lucky, pode levar a uma fé superficial. Welch *et al.* (2023, on-line) citam a previsão de Samuel Hammond sobre um futuro neopagão, onde “as pessoas começarão a adorar várias IAs e se reunirão em diferentes tribos... basicamente voltaremos a uma espécie de sociedade politeísta com deuses de IA locais”.

A busca por conexão genuína poderia ser substituída por uma “pseudointimidade com IA” (Banchoff, 2025, on-line), e a dependência da tecnologia poderia estreitar, em vez de ampliar, nosso acesso ao espiritual. Como alerta Helminski (2018, on-line), quando privados do mundo natural e imersos em ambientes tecnológicos sintéticos, “o portão que nos leva ao mundo espiritual ficará mais estreito do que nunca”.

A própria noção de comunidade de fé se transforma, pois “à medida que as pessoas formam conexões profundas em espaços digitais, o significado de comunidade se expandirá”, desafiando as estruturas eclesiais tradicionais (Murphy, 2025, p. 15). A IA consciente, caso emergisse, poderia até mesmo apresentar sua própria dualidade de “benevolente ou malevolente”, podendo pender para a “luz ou trevas” (Hannah, s/d, on-line), diversificando (e talvez fragmentando) ainda mais a paisagem espiritual.

65

Transumanismo, Algoritmos e a Esperança Cristã

O debate sobre o futuro se intensifica ao confrontar a visão tecnológica do transumanismo com a escatologia cristã. O transumanismo, como criticado por Helminski (2018, on-line), busca a transcendência através da fusão com a tecnologia (“um projeto de desenvolvimento espiritual humano é a única coisa que todo bem-estar material e social depende”), reduzindo o ser humano a um “mero algoritmo” ou “bancos de dados de memórias e habilidades” e propondo o “upload” de nossas almas para a eternidade” como solução para a mortalidade. Essa visão contrasta radicalmente com a esperança cristã.

Sabemos que a visão bíblica implica uma alma imaterial que sobrevive à morte física e, eventualmente, será reunida com um corpo de ressurreição. A

transcendência, na fé cristã, não é um upload algorítmico, mas a redenção em Cristo e a comunhão eterna com Deus, algo que depende da graça divina, não da complexidade computacional. Confiar na IA para a salvação seria a forma última de idolatria tecnológica.

A Missão Espiritual na Era das IAs

Diante desse futuro complexo, a Igreja e os cristãos não são meros espectadores, mas agentes chamados a uma missão específica. Como afirma Lucky (2023, on-line),

O futuro de nossas almas na era da IA depende de como administramos essa tecnologia – se a deixamos nos dominar ou a usamos para nos aproximar de Deus” (Lucky, *AI Will Shape Your Soul*, p. 10).

Isso exige “exercer uma atuação fiel, não a partir de um lugar de medo [...] mas como mordomos da contínua revelação de Deus” (Murphy, 2025, p. 5). Líderes cristãos devem modelar o uso ético da IA, garantindo transparência e priorizando a dignidade humana”.

A missão envolve discernir como integrar as ferramentas de IA de forma criteriosa, mantendo, como Banchoff (2025, on-line) coloca, “a integridade das relações humanas” e construindo “parcerias humano-IA para o bem comum”. Isso significa habitar os espaços digitais com sabedoria, promovendo conexões autênticas e testemunhando a fé em meio à complexidade algorítmica, equilibrando o virtual e o presencial. Como conclama Banchoff (2025, on-line), “em vez de nos retirarmos para mundos artificiais, somos chamados a nos engajar de maneira comprometida e intencional com a realidade [...] forjando laços de comunhão com todos”.

A estratégia viável não é competir com a IA, mas, como propõe Hasert (2023, on-line), “tornar-se mais profundamente humano [...] mais espiritualmente sintonizado”.

O futuro da experiência espiritual na era da IA, portanto, não está predeterminado pelos algoritmos, mas pelas escolhas humanas guiadas (ou não) pela fé, esperança e amor. A tensão entre a promessa tecnológica e a profundidade espiritual definirá a jornada que temos pela frente.

CONCLUSÃO: OS LIMITES E DESAFIOS HUMANOS DIANTE DA ALMA ALGORÍTMICA

Esta jornada através das complexas interseções entre inteligência artificial e espiritualidade buscou iluminar a emergente paisagem onde tecnologia e transcendência se encontram. Tratamos o conceito provocador de “almas algorítmicas”, não como uma afirmação literal da existência de almas em máquinas, mas como um prisma para reavaliar o que significa ser humano na era digital.

Investigamos as diversas compreensões da alma nas perspectivas bíblicas do Antigo e Novo Testamentos e contemporâneas, passando pelas visões cristãs modernas, as naturalistas e o emergente conceito da chamada “alma digital”.

Também analisamos os limites da consciência simulada pela IA, contrastando a performance algorítmica com a experiência subjetiva e a compreensão genuína. Isso nos permitiu discutirmos o potencial e os limites da IA como ferramenta para a vida espiritual, capaz de personalizar práticas e oferecer novas formas de acesso ao sagrado, mas também como um espelho que reflete nossas próprias buscas, vieses e a profundidade de nossa condição.

Finalmente, confrontamos os desafios éticos e teológicos levantados por essa interação, desde o status moral da IA até os riscos de idolatria tecnológica, terceirização espiritual e desumanização. A perspectiva cristã, com sua ênfase na singularidade da alma como *Imago Dei* e sopro divino, serviu como âncora para este discernimento.

Contudo, é fundamental reconhecer os limites deste artigo. A vastidão dos temas abordados – a natureza da alma, a consciência, a inteligência artificial em suas diversas formas (IA estreita e a AGI teórica), ética tecnológica e o futuro da espiritualidade – impede um tratamento exaustivo em um único artigo. Nossa análise privilegiou uma lente teológica e filosófica predominantemente cristã, embora reconhecendo a existência de outras tradições e perspectivas valiosas, como o monismo Mórmon ou visões naturalistas, que mereceriam um aprofundamento próprio.

Detalhes técnicos sobre algoritmos específicos de IA, desenvolvimentos de ponta em neurociência computacional ou estudos sociológicos aprofundados sobre o

impacto da IA em comunidades religiosas específicas ficaram fora do escopo principal. Além disso, a natureza especulativa de discussões sobre AGI e consciência artificial implica que muitas conclusões permanecem abertas à medida que a tecnologia e nossa compreensão dela evoluem.

Por isso, a complexidade e a urgência dos temas aqui tratados abrem vastos campos para futuras investigações. Sugerimos as seguintes direções:

Aprofundamento Interdisciplinar: É bem importante intensificar o diálogo entre teologia, filosofia, ciência da computação, ética, psicologia e sociologia para desenvolver uma compreensão mais holística e robusta das implicações da IA para a condição humana e espiritual.

Estudos Empíricos da Espiritualidade Digital: Pesquisas qualitativas e quantitativas são necessárias para compreender como indivíduos e comunidades efetivamente utilizam ferramentas de IA em suas vidas espirituais e quais os impactos reais, positivos e negativos, dessas práticas na fé, no bem-estar e na formação de identidade.

Desenvolvimento de uma Ética Teológica Aplicada a IA: Para além dos princípios gerais, é necessário formular diretrizes éticas e teológicas mais específicas para o design e a implementação da IA em contextos ministeriais, educacionais e de aconselhamento pastoral, abordando questões de privacidade, viés algorítmico, autenticidade e responsabilidade, entre outras peculiaridades do campo da espiritualidade.

Diálogo Inter-religioso e Filosófico Comparado: Explorar como diferentes tradições religiosas e filosóficas mundiais conceituam a alma, a consciência e a inteligência, e como essas visões podem contribuir no debate sobre IA, enriquecendo a perspectiva, quase sempre, ocidental.

Investigação sobre Consciência Emergente: Acompanhar e engajar criticamente os avanços teóricos e práticos na busca por consciência artificial, discernindo teologicamente as implicações de qualquer avanço significativo, por mais distante que pareça hoje.

Análise dos Efeitos Formativos de Longo Prazo: Investigar como a interação contínua com IAs cada vez mais sofisticadas e relacionais pode moldar, a longo prazo, o desenvolvimento moral, espiritual e psicológico humano, especialmente nas

gerações futuras.

Ao reconhecer a IA como uma tecnologia que espelha, simula e imita a nossa era, somos chamados a perder o medo dela e buscar compreendê-la e, ao mesmo tempo, a nos compreendermos através dela. A tarefa adiante é forjar um futuro onde a tecnologia sirva à profundidade da experiência humana e espiritual, em vez de torná-la superficial ou, pior, supérflua, mantendo sempre acesa a busca pela verdade que nos constitui e nos transcende.

REFERÊNCIAS

ASHRAM, Sammara Beedam. *AI and the soul: exploring the future of spiritual evolution*. 2024. Disponível em: <https://medium.com/@sammaraheedam/contact/ai-and-the-soul-exploring-the-future-of-spiritual-evolution-2d7a462e991c>. Acesso em: 3 mar. 2025.

BANCHOFF, Thomas. *The soul is more than software – The Church engages the AI revolution*. 2025. Disponível em: <https://www.commonwealmagazine.org/soul-software-banchoff-ai-francis-antiqua-nova>. Acesso em: 6 mar. 2025.

BHATTACHARYA, Rahul. *Between soul and algorithm: Huxley's reflections on art in the AI age*. 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/between-soul-algorithm-huxleys-reflections-art-ai-age-bhattacharya-5vq8f>. Acesso em: 2 mar. 2025.

BORENSTEIN, Tomer. *The spiritual implications of AI*. Disponível em: <https://blastpoint.com/blog/the-spiritual-implications-of-ai/>. 2025. Acesso em: 9 mar. 2025.

CAVALCANTE, David Côrtes. *Beyond consciousness in large language models: an investigation into the existence of a "soul" in self-aware artificial intelligences*. 2024. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/CRTBCLv1>. Acesso em: 20 mar. 2025.

COLE, David. The Chinese Room Argument. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2024. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2024/entries/chinese-room/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

COLEMAN, Flynn. *A Human Algorithm: How Artificial Intelligence Is Redefining Who We Are*. Berkeley: Counterpoint, 2019.

CORDOVILLA, Juan. *Artificial intelligence and human spirituality: exploring a new horizon*. 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/artificial-intelligence-human-spirituality-exploring-new-cordovilla-4buue>. Acesso em: 5 mar. 2025.

DEY, Neelam C. *Harmonizing the threads of wellbeing, AI, spirituality, healthcare and management*. 2024. Disponível em:

https://www.academia.edu/125131035/harmonizing_the_threads_of_well_being_ai_artificial_intelligence_spirituality_healthcare_and_management. Acesso em: 1 mar. 2025.

DOROBANTU, Marius. Imago Dei in the Age of Artificial Intelligence: Challenges and Opportunities for a Science-Engaged Theology. *Christian Perspectives on Science and Technology, New Series*, v. 1, p. 175–196, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.58913/KWUU3009>. Acesso em: 6 mar. 2025.

HANNAH, Daniel. *Have Souls Incarnated Into Artificial Intelligence? Explore the spiritual implications of conscious artificial intelligence*. 2025. Disponível em:

<https://symbosity.com/spirituality-of-ai/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

HASERT, Peter. *Humanity and AI: a spiritual perspective*. 2025. Disponível em:

<https://hungryheartscollective.com/2025/01/03/humanity-and-ai-a-spiritual-perspective/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

HELMINSKI, Kabir. *The spiritual challenge of AI, trans-humanism, and the post-human world*. *Tikkun Magazine*. 2018. Disponível em: <https://www.tikkun.org/the-spiritual-challenge-of-ai-trans-humanism-and-the-post-human-world/>. Acesso em: 2 abril 2025.

70

HERNÁNDEZ, José Fernando Calderero. Artificial Intelligence and Spirituality.

International Journal of Interactive Multimedia and Artificial Intelligence, v. 7, n.1, 2021, pp. 34-43. Disponível em: https://www.ijimai.org/journal/sites/default/files/2021-08/ijimai7_1_4.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

HUTCHINS, Bob. *The soul in the machine: a spiritual reflection on artificial intelligence*. 2025. Disponível em: <https://bobhutchins.medium.com/the-soul-in-the-machine-a-spiritual-reflection-on-artificial-intelligence-c89ba05b1494>. Acesso em: 2 abr. 2025.

JOSHI, Krupal. Artificial General Intelligence (AGI): a comprehensive review. *Journal of the Epidemiology Foundation of India*, v. 2, p. 93-96, 2024. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/384867479_Artificial_General_Intelligence_AGI_A_Comprehensive_Review. Acesso em: 3 mar. 2025.

LIAUTAUD, Susan. *Do Bots have a Spiritual Life? Some Questions about AI and Us*. 2024. Disponível em: <https://reflections.yale.edu/article/ghost-machine-ethics-ai/do-bots-have-spiritual-life-some-questions-about-ai-and-us>. Acesso em: 12 mar. 2025.

LUCKY, Kate. AI will shape your soul. *Christianity Today*, v. 67, n.7, oct. 2023.

Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/2023/09/artificial-intelligence-robots-soul-formation/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MORELAND, James Porter. *The soul: how we know it's real and why it matters*. Chicago: Moody Publishers, 2014.

MORRISON, Glenn. A spiritual theology of the conscience: an extraordinary force of grace. *Religions*, v.16, n.4, p. 440, 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/16/4/440>. Acesso em: 04 mar. 2025.

MURPHY, Joel. *Artificial Intelligence. Real Faith*. 2025, Disponível em: <https://futuringhub.ca/wp-content/uploads/sites/8/2025/02/Navigating-The-Future-Feb-2025.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2025.

NEPHESE. In: Francis Brown, R. Driver, and Charles Briggs. *The Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon (BDB)*. Clarendon Press: Oxford, 1977.

NEPHESE. In: Ernst Jenni and Claus Westermann. *Theological Lexicon of the Old Testament*. Peabody, Hendrickson Publishers. 1994.

NEPHESE In: Gesenius, Wilhelm. *Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures*. London, Bagster, 1857.

PATSCH, Ferenc. *Conscious machines? Reflections on so-called 'Artificial Intelligence'*. 2024. Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.com/conscious-machines-reflections-on-so-called-artificial-intelligence/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PITTARD John. *Artificial minds and the coming religious disruption*. 2022. Disponível em: <https://reflections.yale.edu/article/audacious-odysseys-charting-future-theological-education/artificial-minds-and-coming>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SINGLER, Beth; WATTS, Fraser (org.). *The Cambridge companion to religion and artificial intelligence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

SYIEMLIH, Danielson C. (Ed.). *DNC Times: volume IV*. [S.l.: s.n.], 2024. Disponível em: https://www.jcsaweb.org/DNC_Times/DNC%20Times%20-%20Digital%20Spirituality_%202024_%20Vol.%20IV.pdf. Acesso em: 22 mar. 2025.

WELCH, Rosalynde et al. *AI and the future of faith*. 2023. Disponível em: <https://www.wayfaremagazine.org/p/ai-and-the-future-of-faith>. Acesso em: 8 mar. 2025.

WALES, Jordan. The Image and the Idol: A Theological Reflection on AI Bias. 2021. Disponível em: <https://churchlifejournal.nd.edu/articles/the-image-and-the-idol-a-theological-reflection-on-ai-bias/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

YOUVAN, Douglas. *Conscious AI and the spiritual horizon: bridging the metaphysical and the mechanical*. 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373285404>. Acesso em: 20 mar. 2025.

===

Nota: Este artigo contou com a assistência de diversas IAs nos seguintes quesitos: organização das fontes pesquisadas pelo autor; formatação da bibliografia; revisão ortográfica; revisão de estilo; análise de coesão e coerência.

DEUS FALA ATRAVÉS DA IA? O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NOS SERMÕES EVANGÉLICOS

Valdinei Ferreira¹

Pastores evangélicos no Brasil não utilizarão IA para escrever seus sermões. A razão é simples: pastores brasileiros, com raríssimas exceções nas igrejas do protestantismo histórico, não têm o hábito de escrever seus sermões. Ensino homilético há três décadas, disciplina na qual os futuros pastores aprendem a elaborar sermões e a pregá-los, e sempre encontrei resistência por parte dos alunos à ideia de que uma pregação seja escrita do começo ao fim.

O sermão ocupa o centro do culto evangélico. Na tradição protestante recebida da Europa e dos Estados Unidos por meio das Igrejas Luterana, Presbiteriana, Metodista e Batista a elaboração do sermão dominical sempre foi uma das principais atividades do pastor e envolvia o hábito de escrevê-lo. Entretanto, isso pressupõe formação acadêmica nos moldes universitários e dedicação ao ministério pastoral em tempo integral, ou seja, o pastor precisa ter tempo para ler, pesquisar e escrever seus sermões.

A maior parte dos pastores evangélicos no Brasil são de igrejas pentecostais. A formação teológica que recebem é mais prática do que acadêmica. No máximo são utilizadas anotações dos tópicos principais que serão tratados no sermão. O pentecostalismo é uma cultura religiosa marcada pela oralidade e espontaneidade. Além disso, predomina em tais igrejas a interpretação teológica segundo a qual o sermão é inspirado pelo Espírito Santo, logo, escrever antecipadamente a mensagem que será levada ao púlpito soa como falta de dependência do poder de Deus.

O artigo publicado na Folha de São Paulo: [“Líderes religiosos experimentam IA para disseminar mensagens, mas uso em sermões é polêmico”](#) precisa ser discutido, no caso das igrejas brasileiras, levando em consideração as observações feitas nos parágrafos anteriores. Entretanto, a resposta para a pergunta se Deus pode falar por

¹ Doutor em Sociologia (USP), professor de Teologia da Faculdade de Teologia da IPI de São Paulo e fundador do @mapacentrante.

da IA é positiva. Sim, de acordo com a teologia cristã evangélica Deus pode falar por meio da IA.

Ao longo dos últimos cinco séculos protestantes cultivam a crença de que precisam distribuir o texto sagrado pelo mundo todo. A convicção por detrás dessa distribuição sempre foi que o Espírito Santo utiliza as palavras impressas para converter os leitores. Pregadores são somente distribuidores do texto sagrado e o milagre do Novo Nascimento (conversão) é feito no coração dos leitores pelo próprio Espírito Santo.

Minha “aposta” é que a IA será vista e utilizada como mais uma forma de oferecer o conteúdo da Bíblia para as pessoas. O fato da IA ser uma inteligência generativa podendo ser treinada para responder perguntas dos fiéis a partir de contextos doutrinários específicos vai ser incorporada ao cotidiano dos fiéis como mais um recurso para fortalecimento da devoção a Deus.

Entre evangélicos sempre foi popular a tradição da “caixinha de promessas”. Trata-se de uma pequenina caixa contendo versículos com promessas bíblicas. Os crentes pegam aleatoriamente um versículo, lêem e tratam de contextualizá-lo àquilo que estão vivendo. O que muda agora é poderão perguntar; “IA o que Deus me fala hoje sobre isso ou aquilo”?

74

Devemos lembrar que as pessoas não são passivas no processo de tentar saber o que Deus tem a dizer para a vida delas. Isso significa que elas buscam as mensagens religiosas a partir de seus interesses e indagações. Se faz sentido, vão adiante. Se não faz sentido, deixam de lado. Saber disso, afasta visões nas quais crentes são pessoas ingênuas sempre manipuladas por espertalhões que se valem de textos bíblicos.

Por aqui a IA não será utilizada para escrever sermões, mas ela poderá ser utilizada por fiéis, por exemplo, para saber se o sermão do pastor está de acordo com a Bíblia segundo a corrente doutrinária adotada pela igreja. Aliás, estou fazendo essa experiência com os sermões de alguns pastores conhecidos e conto o resultado para vocês na próxima semana.



RELATO DE FÉ

RELATO DE FÉ



76

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T2KqXJo_jPo&t=66s

TESTEMUNHO DE FÁBIA TAFFAREL — UMA HISTÓRIA DE VIDA, DOR E MILAGRE

Por Fábيا Taffarel

Houve um tempo em que Fábيا Taffarel brilhava nos palcos e nas passarelas, desfrutando do sucesso como modelo e empresária. Aos olhos do mundo, ela parecia ter tudo.

Mas a vida, muitas vezes, nos leva por caminhos que não esperamos!

Ainda jovem, Fábيا começou a sentir que algo não estava certo. Seu corpo dava sinais de alerta: fortes dores de cabeça, uma dor no peito, uma tristeza sem razão, vômitos e diarreia, uma fraqueza no corpo, mas tudo isso não passava de convulsões. A busca por respostas foi longa e dolorosa. Até que, finalmente, veio o diagnóstico: um tumor cerebral.

Era benigno, mas os efeitos foram devastadores. Fábria perdeu a visão periférica, ficou com o lado esquerdo do corpo paralisado, precisou usar cadeira de rodas e fraldas. A independência, a beleza da juventude, os planos de futuro... tudo parecia se esvaír diante daquela dura realidade.

Mas no silêncio da alma, Deus dizia: "Eu ainda tenho a última palavra."
Foi nesse deserto que Fábria encontrou uma fé inabalável.

Foi ali, onde muitos veriam apenas perda, que ela sentiu um amor e uma força que não vêm deste mundo.

Dia após dia, Fábria não se deixou abalar confortada pelo amor de Deus, escolheu sorrir em vez de chorar, mesmo quando para o mundo isso parecia impossível. E então, o milagre de Deus nunca parou.

Pouco a pouco, contrariando os prognósticos, ela voltou a se mover. Primeiro com ajuda, depois com muita luta. Mas acima de tudo, com esperança.

Hoje, Fábria anda. Anda com dificuldades? Sim. Mas anda com a certeza de que cada passo é um testemunho vivo do Deus que faz o impossível acontecer.

77

Ao lado de seu esposo, Sergynho Ribeiro, Fábria ergue a voz para dizer: "A minha história não é sobre uma doença. É sobre o amor de Deus, que nunca me abandonou."

Sua vida é prova de que não importa quão sombria seja a noite — a luz de Deus é capaz de rasgar qualquer escuridão.

Ela é prova de que, onde há fé, o impossível se curva. Ela compartilhou sua história no programa "Domingo Show", apresentado por Geraldo Luís, no quadro "Eu Sobrevivi", apresentado por Andressa Urach.

Além disso, Fábria e seu marido, Sergynho Ribeiro, ex-vocalista das bandas Cheiro de Amor e Pimenta Nativa, deram um testemunho conjunto sobre sua jornada de fé e superação. Esse relato está disponível no YouTube.

Assista pelo YouTube!

MINISTÉRIO GIDEÕES INTERNACIONAIS

QUEM SOMOS NÓS

“Os Gideões Internacionais” é uma Associação Interdenominacional de homens de negócio e profissionais cristãos, membros, em plena comunhão, de igrejas protestante-evangélicas. Nossos membros têm como missão levar as boas novas aos perdidos através do testemunho pessoal e da distribuição da Palavra de Deus em 200 países e territórios ao redor do mundo.

A maioria dos gideões vive e atua nas próprias comunidades locais, o que torna o ministério bastante eficiente e eficaz porque...

- Conhecem a língua e os costumes locais.
- Conhecem onde estão localizados os hotéis, prisões, hospitais e outros locais em que a distribuição das Escrituras é necessária.
- Muitas vezes podemos estabelecer grupos locais de gideões em países que não permitem a entrada de missionários convencionais.

78

Nossa Missão

A missão de Os Gideões Internacionais no Brasil é “*levar as pessoas a conhecerem Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor*”, através:

- da associação de homens de negócios e profissionais cristãos;
- do testemunho pessoal e evangelismo pessoal;
- da distribuição da Palavra de Deus, o Novo Testamento, nos locais aprovados.

Distribuindo a Palavra de Deus ao redor do mundo

Ao ter acesso à Palavra de Deus as pessoas podem conhecer as boas novas do evangelho e aceitar a salvação em Cristo. Estes novos cristãos podem, por sua

vez, ao estudar as Escrituras, crescer espiritualmente e usá-las para compartilhar sua fé em Cristo com outras pessoas.

Por esta razão, temos por objetivo distribuir os Novos Testamentos com Salmos e Provérbios.

Estas Escrituras são impressas em 109 idiomas e oferecidas direta e gratuitamente às pessoas ou colocadas em locais públicos selecionados, onde muitos que estão buscando respostas terão a possibilidade de encontrar a Palavra de Deus.

A Distribuição da Palavra de Deus também permite que...

- Plantemos sementes poderosas que Deus usará a Seu tempo (I Coríntios 3:6)
- Pessoas possam ler a verdade por si próprias (João 8:32)
- Haja um testemunho contínuo, mesmo que nenhum Gideão esteja presente (Hebreus 4:12)
- Pessoas que alcançamos, por sua vez, alcancem facilmente outros com a verdade sobre Jesus (II Timóteo 2:2)
- Cristãos recém-convertidos aprendam e cresçam através do estudo bíblico pessoal (II Timóteo 2:15)

79

Áreas de Distribuição

As Escrituras são distribuídas uma a uma pelos membros de Os Gideões Internacionais a estes grupos:

- Estudantes do 5º ano (Ensino Fundamental I) e acima;



- Presidiários e funcionários da polícia, bombeiros, área de saúde e militares;



- A qualquer outra pessoa para quem os gideões testemunhem individualmente.



As Escrituras são colocadas em diversos locais, incluindo:

- Hotéis;



- Hospitais, casas de repouso, asilos, consultórios médicos e odontológicos, escritórios de advocacia e abrigos para vítimas de violência doméstica;



Um presente de Amor

As Escrituras de Os Gideões são distribuídas gratuitamente. São impressas e enviadas através do generoso apoio individual de Amigos dos Gideões e de Igrejas Parceiras. As Escrituras são distribuídas ao redor do mundo por membros fiéis de Os Gideões Internacionais que entendem que as Escrituras são sementes que Deus pode usar para transformar vidas, segundo Sua vontade e no Seu tempo.

Não sabemos precisar como Deus usará Sua Palavra para transformar vidas, mas estamos certos de que Ele o faz.

Temos Sua promessa em Isaías 55:11 - “Assim será a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei.”

Transformando vidas há 116 anos

Os Gideões Internacionais começaram a distribuir a Palavra de Deus em 1908. Hoje, temos mais de 245.000 membros - bem como um número incontável de pessoas que nos apoiam ao redor do planeta. Estas pessoas dedicam seu tempo e recursos a fim de possibilitar que outras aprendam sobre o amor de Deus, dando-lhes acesso à Sua Palavra. De fato, já colocamos ou distribuimos mais de 2.6 bilhão de Escrituras em todo o mundo, e no Brasil já foram distribuídos aproximadamente 220 milhões e este número continua crescendo! Para saber mais sobre Os Gideões Internacionais no Brasil, acesse o site “www.gideoes.org.br”.

História

Em 1898, John H. Nicholson, um representante comercial de Janesville, Wisconsin, chegou ao Hotel Central de Boscobel para passar a noite. Como o hotel estava lotado, ele teve de ocupar um quarto de dois leitos, junto com outro representante, Samuel E. Hill, de Beloit, Wisconsin.

John H. Nicholson, quando ainda garoto de 12 anos, tinha prometido à sua mãe, agonizante, ler a Palavra de Deus e orar diariamente. Como já era seu costume

de longa data, preparou-se para ler a Bíblia antes de recolher-se. Os dois homens logo se identificaram como cristãos.

Realizaram um culto devocional e, de joelhos, perante Deus, tiveram a ideia que, mais tarde, veio a concretizar-se na formação de nossa Associação.

Em 31 de maio de 1899, novamente os dois se encontraram em Beaver Dam, Wisconsin, e decidiram convidar para uma reunião, representantes e viajantes comerciais, cristãos, para formar uma associação com objetivo de confraternização, evangelismo pessoal e para se unirem no serviço do Senhor. Marcaram uma reunião na A.C.M. em Janesville, Wisconsin, para 1º de julho de 1899.

Apenas três pessoas compareceram - John H. Nicholson, Samuel E. Hill e Will J. Knights. Eles se organizaram, com Hill como Presidente, Knights como Vice-Presidente e Nicholson como Secretário e Tesoureiro. Pensaram muito sobre qual deveria ser o nome da Associação, e depois de orações



fervorosas rogando a Deus que os ajudasse na escolha do nome certo, Knights disse: "**Chamar-nos-emos Gideões**". Leu os capítulos sexto e sétimo de Juízes e explicou a razão da escolha do nome "Os Gideões".

Gideão era um homem que estava disposto a fazer sempre a vontade de Deus, independente do seu próprio ponto de vista e de julgamento quanto aos planos e resultados. Humildade, fé e obediência eram os traços de seu caráter. Este é o padrão que a Associação de Os Gideões procura estabelecer para os seus membros, a fim de que cada um esteja pronto a fazer a vontade de Deus em qualquer tempo, em qualquer lugar e da maneira como o Espírito Santo o guiar.

Considerando que, nos primórdios da Associação, quase todos os membros eram representantes e viajantes comerciais, surgiu logo a pergunta sobre como poderiam tornar mais eficaz o seu testemunho de cristãos nos hotéis, onde tinham de passar grande parte de seu tempo. Uma sugestão foi a de colocar uma Bíblia na mesa de recepção de cada hotel de modo a facultar aos hóspedes a oportunidade de tomá-

la por empréstimo, caso desejassem. Ocorreu-lhes o pensamento de que este seria um testemunho silencioso nos hotéis, enquanto eles, os gideões, estivessem noutra lugar.

Esse método de atividade avançada como a denominaram, foi cuidadosamente considerado em reunião do Gabinete, realizada em Chicago, em 19 de outubro de 1907. Um dos membros sugeriu que Os Gideões fornecessem uma Bíblia para cada quarto de hotel dos Estados Unidos, e comentou: "Em minha opinião, isto não só estimulará as atividades do nosso grupo, mas será também um gesto elegante, em perfeita harmonia com a missão divina da Associação de Os Gideões". Esse plano foi aprovado pela Convenção, em Louisville, Kentucky, em 1908.

É interessante notar que a participação das igrejas na obtenção dos recursos para termos as Escrituras de Os Gideões, originou-se com um pastor. Dois meses após a Convenção de Louisville, houve a Convenção Estadual em Cedar Rapids, Iowa. O Secretário Nacional, Frank Garlick, veio de Chicago. Ele e o Sr. A.B.T. Moore assistiram a uma reunião do Conselho de Pastores e no final do programa, o irmão Garlick foi convidado a falar sobre o trabalho de Os Gideões. Falou da necessidade de distribuir Bíblias. Terminada sua mensagem de dez minutos, o pastor do Sr. Moore, Dr. E.R. Burkhalter, da Primeira Igreja Presbiteriana, levantou-se e propôs "que as Bíblias de Os Gideões fossem colocadas em todos os hotéis locais e que o Conselho de Pastores ficasse responsável pela provisão de fundos".

A proposta foi aprovada por unanimidade, sendo nomeada uma Comissão para estabelecer a participação financeira de cada Igreja, de acordo com as suas possibilidades. Foi assim que o ministério de Os Gideões veio a existir como um "braço estendido" da Igreja e que esta deu o primeiro passo no suporte financeiro à colocação das Escrituras. A Associação de Os Gideões rendeu graças a Deus pela



revelação de Seu plano, pois através das Igrejas locais os recursos necessários estariam assegurados.

"O que semeia, semeia a Palavra" (Marcos 4:14).

Histórico da Associação Nacional no Brasil

Um novo movimento

Em 1953 florescia no Brasil a ideia da fundação de um movimento, liderado pelo Rev. Gutemberg de Campos, pastor presbiteriano na época sediado em Bauru (SP), espelhado na figura de Gideão. A ideia era inscrever 30 líderes evangélicos do país, de todas as denominações, e estes, depois de treinados, arregimentariam mais 10 até completarem os 300 Gideões. Esse movimento independente visava a “defesa da fé, dos princípios democráticos, do combate aos vícios sociais e da campanha pela moralização efetiva dos costumes”.

Entre estes estava o irmão José Ramos Vilas Boas, um agrimensor e professor universitário em Belo Horizonte (MG). Dessa iniciativa poucos sabemos, mas o missionário norte-americano Steven Sloop, que havia sido gideão nos EUA, vendo o envolvimento do irmão Vilas Boas, falou-lhe a respeito de Os Gideões Internacionais e ofereceu-lhe algumas cópias da revista “The Gideon”. Entusiasmado com o Ministério, Vilas Boas começou a comprar, com recursos próprios, Bíblias e Novos Testamentos identificando-os com o emblema de Os Gideões e colocando-os nos hotéis. Veio a se tornar o primeiro gideão brasileiro em maio de 1956. Em 17 de novembro de 1956 redigiu uma carta à Sede Internacional incentivando a organização do Ministério de Os Gideões Internacionais no Brasil. Entre outras informações, duas ressaltam como testemunho de que o irmão Vilas Boas foi realmente um homem vocacionado por Deus, tal a sua fé e obstinação em organizar Os Gideões no Brasil. Em 18 de outubro de 1956 realizou a primeira distribuição relatada no Brasil, na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, onde fez o seguinte pronunciamento: “Senhores deputados, eu sou um membro de “Os Gideões Internacionais”, uma associação que atua em diversos países do mundo com o objetivo de ganhar muitos homens e mulheres para Jesus Cristo. Vocês sabem que

todas as pessoas que leem a Bíblia e vivem suas vidas de acordo com os princípios ensinados nela são pessoas felizes. Senhores, vocês são os que fazem as leis de meu Estado. Se vocês, em suas vidas pessoais e em seus deveres como representantes do povo, usarem as doutrinas e princípios bíblicos, vocês serão felizes e contribuirão para a felicidade de nosso povo que agora vive em trevas”.

No outono de 1957, E.B. Forbes, então Representante de Área para a América Central e América do Sul, foi oficialmente designado pela Comissão de Alcance Internacional para implantar e desenvolver o Ministério de Os Gideões em diversos países, incluindo o Brasil. Em 3 de janeiro de 1958 ele partiu dos Estados Unidos para uma viagem de seis semanas. Deus agiu poderosamente e neste curto espaço de tempo o Ministério de Os Gideões foi instalado em nove países, incluindo o Brasil. Pela ordem: Equador, Peru, Chile, Brasil, Guiana Inglesa, Nicarágua, Honduras e El Salvador.

O primeiro Campo do Brasil foi instalado em janeiro de 1958, na cidade de Belo Horizonte, com cinco gideões, sendo eleito Presidente José Ramos Vilas Boas. Em maio deste mesmo ano este Campo já contava com 14 membros. Em fevereiro de 1959, na segunda viagem à América Latina, E.B. Forbes instalou o segundo Campo, no Rio de Janeiro, com 10 gideões, e iniciou contatos em Belém do Pará. Em 25 de janeiro de 1960, em sua terceira viagem ao Brasil, Forbes organizou o terceiro Campo, em São Paulo, com 16 gideões. Em 23 e 28 de janeiro de 1961, em sua quarta viagem ao Brasil, Forbes organizou o quarto e o quinto Campo, em Fortaleza com 7 gideões e em Recife com 11 gideões. Nos anos subsequentes foram germinando Campos por todo nosso imenso Brasil.



Com o crescimento do Ministério de Os Gideões Internacionais no Brasil surgiu a ideia de fundar uma Associação Nacional. Nesta fase de implantação do Ministério no Brasil, foram promovidos sete Encontros Nacionais.



INSTALAÇÃO DE OS GIDEÕES INTERNACIONAIS NO BRASIL



Aproveu a Deus agradecer Goiânia (GO) com a 7ª Conferência Nacional, de 17 a 19 de setembro de 1976. Foi um marco na história do Ministério de Os Gideões Internacionais no Brasil, pois bem no coração de nossa Pátria, em uma Sessão Administrativa moderada pelo irmão José

Riker e com a presença de John Leeson III, Representante da Sede Internacional, foi aprovada a organização da Associação Nacional de Os Gideões Internacionais no Brasil. Eram 37 os Campos existentes até então. Indicou-se um Gabinete Nacional "ad-hoc": Presidente - Josué Sylvestre (Rio de Janeiro), Vice-Presidente - Gunther Kuhnrich (São Paulo), Tesoureiro - Bonfim Raimundo de Aguiar (São Paulo), Secretário - Antônio Alvim (Goiânia) e Capelão - Jauhyr Lobo (Anápolis, GO). Entre outras, suas atribuições eram:

- 1º - Organizar um Escritório Nacional;
- 2º - Escolher um Secretário Nacional com dedicação exclusiva para o Ministério;

3º - Promover a 1ª Convenção Nacional. O Escritório Nacional foi instalado em



uma residência alugada na cidade de Campinas (SP). Antônio Alvim foi escolhido para Secretário Nacional, e a 1ª Convenção Nacional aconteceu na cidade de São Paulo, de 9 a 11 de setembro de 1977, quando foi eleito o seguinte Gabinete Nacional: Presidente Gunther

Kuhnrich, Vice-Presidente Josué Sylvestre, Tesoureiro Bonfim Raimundo de Aguiar e Capelão Ariovaldo Ferraz de Arruda. Antônio Alvim foi confirmado como Secretário Nacional. Josué Sylvestre saudando os convencionais como Presidente do Gabinete provisório, afirmou enfaticamente: “Podemos dizer, sem medo de errar, que a Associação está firmada sobre sólidos alicerces construídos sob a inspiração do Espírito Santo com oração, dedicação e fé”.

Iniciava-se uma fase de estruturação e desenvolvimento para implantação do Ministério de Os Gideões Internacionais em todos os Estados brasileiros, na luta incessante pela verdadeira libertação de nosso Brasil, sob a inspiração do tema da 1ª Convenção: “Dei-Ihes, Senhor, a Tua Palavra” João 17:14a

87

Hoje o Brasil conta com mais de 8.000 gideões, 7.000 Auxiliares, atuando em 759 Campos.



DAY OFF

DAY OFF

A Forja - O Poder da Transformação – Filme de 2024

Drama

Direção: Alex Kendrick

Roteiro: Alex Kendrick, Stephen Kendrick

Elenco: Cameron Arnett, Priscilla C. Shirer, Aspen Kennedy Wilson

Título original: The Forge

SINOPSE

"A Forja - O Poder da Transformação" – um longa dirigido por Alex Kendrick. A história se passa um ano após terminar o ensino médio, onde Isaiah Wright (Aspen Kennedy), um jovem de 19 anos viciado em basquete e videogames, está perdido e sem direção. Desafiante para sua mãe solteira, Cynthia (Priscilla C. Shirer), e desmotivado, ele recebe um ultimato: encontrar um rumo ou deixar a casa. Com o apoio das orações de Cynthia e da devota Dona Clara (Karen Abercrombie), e a oportunidade de trabalhar na Moore Fitness, Isaiah é guiado por um mentor surpreendente que o desafia a refletir sobre seu futuro. À medida que enfrenta seu passado e aprende a abrir mão de seu egoísmo, Isaiah começa a entender que Deus pode ter um propósito maior para sua vida. A Forja - O Poder da Transformação é a inspiradora jornada de um jovem que, com a ajuda de sua mãe, um mentor e a força das orações, busca descobrir seu verdadeiro caminho e transformar sua vida.

89





CPEL - CONSELHO DE
PASTORES DE LONDRINA

CPEL – Conselho de Pastores de Londrina

PROPÓSITO E OBJETIVOS DO CPEL

É uma entidade de caráter associativo e religioso, interdenominacional, fundada em 1943, e que tem como propósito e objetivos principais:

- Promover a unidade e fraternidade entre seus membros.
- Promover eventos que estimulem a comunhão e edificação de seus membros.
- Firmar posição pública, em defesa dos direitos dos cidadãos e da ordem.
- Representar seus associados junto ao Poder Público.
- Prestar aos seus membros, dentro das suas possibilidades, assistência social, jurídica, teológica e ministerial.

91

DIRETORIA ATUAL

Vanderlei Frari

Presidente do CPEL e Diretor Acadêmico do ISBL

Atílio Varotto Neto

Vice-presidente do CPEL e pastor da Igreja Batista da Glória

Nivaldo Caldeira

Tesoureiro do CPEL e pastor da Igreja Comunidade da Paz

Paulo Rangel

Secretário do CPEL e pastor da Igreja Assembleia de Deus

Tarciano Bernardes

Segundo Tesoureiro do CPEL e pastor da Igreja Restauração

Vinícius Croscatto

Segundo Secretário do CPEL e pastor da Igreja Bola de Neve



UniFil **VOCCARE**
TEOLOGIA

Revista de Teologia da UniFil

ISSN 2965-5021

